

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
PESQUISA HELENA ANTIPOFF - CDPHA**

**BOLETIM DO CDPHA
Número 20**

APOIO:



**Belo Horizonte, MG
2008**

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA**

Boletim do CDPHA

Comissão editorial

Regina Helena de Freitas Campos – Coordenadora
Lílian Erichsen Nassif
Maria Teresina Nunes
Rita de Cássia Vieira

Comissão científica

Ana Lydia Santiago - UFMG
Ana Maria Jacó-Vilela - UERJ
Carlos Henrique Gerken - UFSJ
Elizabeth Melo Bomfim - UFMG
Érika Lourenço - UFOP
Irene Melo Pinheiro - FHA
Marcos Vieira Silva - UFSJ
Maria do Carmo Coutinho de Moraes - APMG
Maria do Carmo Guedes – PUC-SP
Marina Massimi - USP
Therezinha Andrade – ISE-FHA
Miguel Mahfoud - UFMG
Raquel Martins de Assis - UFMG
Sebastião Rogério Góis Moreira - UNIPAC
Sérgio Cirino - UFMG
Sílvia Parrat-Dayan – UNIGE
William Barbosa Gomes - UFRGS

Contato:

Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central - Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte (MG)

Ficha catalográfica:

Boletim do CDPHA / Centro de Documentação e Pesquisa
Helena Antipoff – N. 20 (2007).
Belo Horizonte: CDPHA, 1981-

Anual
ISSN 1806-1931

1. Educação – Periódicos. 2. Psicologia – Periódicos
Pesquisas. I. Centro de Documentação e Pesquisa Helena
Antipoff.

CDD

370

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

Diretoria 2007-2009

Presidente de honra
Otília Braga Antipoff

Presidente
Regina Helena de Freitas Campos

Vice-presidentes

Irene Pinheiro
Lúcio Assumpção
Demetrios Navaes Neves
Leda Maria da Costa

Diretoria técnica

Maria Therezinha Nunes
Priscila Augusta Lima
Sérgio Cirino
Therezinha Andrade

Diretoria administrativa

Érika Lourenço
Rogério de Alvarenga

Diretoria financeira

Doralice Almeida Campos de Araújo
Ernani Henrique Fazzi
Maria das Graças Teixeira

Conselho fiscal

Jaqueline Rodrigues de Oliveira

Maria do Carmo Coutinho de Moraes
Maria Melo
Elizabeth Coutinho de Moraes (Suplente)
Elizabeth Monaier (Suplente)

Conselho consultivo
Adílson Dumont
Maria Auxiliadora Galinari Nascimento
Mário Lúcio Moreira
Regina Célia Pereira Campos
Sérgio Domingues
Sérgio Farnese

Coordenadores regionais

Olinda Terezinha da Silva Caetano (FHA)
Raquel Martins de Assis (UFMG)

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF -
CDPHA**

BOLETIM DO CDPHA

Número 21

Ano 2008

SUMÁRIO

EDITORIAL

Temos a satisfação de apresentar aos colegas e amigos a 20ª edição do *Boletim do CDPHA*, publicação anual do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. A cada ano, o *Boletim* registra as atividades do Centro, incluindo especialmente a publicação dos trabalhos apresentados em nosso Encontro Anual.

No ano de 2008, o XXVI Encontro Anual Helena Antipoff ocorre nos dias 24, 25 e 26 de março, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em associação com o VII Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia. O evento conta com o apoio da CAPES e da Biblioteca Universitária da UFMG. O tema escolhido é “Patrimônio cultural, museus, ciência e educação: diálogos”, e visa promover a reflexão sobre a preservação de nosso patrimônio cultural e científico, especialmente na área da ciência psicológica.

O Encontro Anual Helena Antipoff é uma realização regular do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) que desde sua criação, em 1979, tem se dedicado à preservação da memória e à divulgação da obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974). Os Encontros Anuais Helena Antipoff vêm acontecendo em parcerias entre a UFMG, a Fundação Helena Antipoff e as demais entidades criadas sob a liderança da educadora, como a Associação Pestalozzi, a ADAV e a ACORDA.

Nos últimos anos, com o crescente interesse pela história da ciência e, em especial, pela história da Psicologia no Brasil – área em que Helena Antipoff se destacou como pioneira -, o evento tem sido

associado às reuniões periódicas dos pesquisadores que se dedicam a essa área de estudos em diversas universidades brasileiras. Em 2008, contamos com a colaboração de vários colegas, que trazem sua experiência na organização de acervos, centros de documentação, núcleos de estudo e pesquisa em história da psicologia, história das ciências e áreas afins no Brasil. A Profa. Nádya Maria Dourado Rocha, da Faculdade Ruy Barbosa, em Salvador, Bahia, disponibiliza para nós a exposição “Memória da Psicologia em Obras Raras e Valiosas”, a partir do acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, primeira biblioteca pública brasileira, fundada em 1811. Os conferencistas convidados, vinculados a programas de pós-graduação e pesquisa na área das Ciências Humanas e das Ciências da Educação, trazem contribuições valiosas a essa reflexão sobre nosso patrimônio cultural e científico.

O *Boletim do CDPHA* - principal órgão de divulgação das atividades do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – tem sido publicado regularmente pelo CDPHA desde sua fundação. O primeiro exemplar data de 1981, e traz os trabalhos apresentados no I Encontro Anual Helena Antipoff, realizado naquele ano, com o objetivo de reunir um conjunto de depoimentos sobre a obra de Helena Antipoff. Desde então foram editados 19 *Boletins*, divulgando os trabalhos apresentados em cada evento promovido pelo CDPHA.

Com a ampliação das atividades e das contribuições apresentadas em nossos eventos, tornou-se necessário inaugurar uma nova publicação, destinada a divulgar os artigos completos das apresentações. A nova publicação será editada na forma de coletânea de textos, intitulada *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*.

A partir de 2007, portanto, o CDPHA apresenta aos associados e à comunidade interessada as duas publicações: o *Boletim do CDPHA*, contendo o programa do Encontro Anual, os resumos das conferências e comunicações de trabalhos e as notícias sobre as atividades do Centro, e a *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, contendo os textos completos dos trabalhos selecionados para apresentação, na forma de coletânea dedicada ao tema escolhido a cada ano. A edição das coletâneas está a cargo da Editora NAU, no Rio de Janeiro, que já conta em seu catálogo com um número importante de títulos na área da História da Psicologia. Nosso colega Francisco Portugal, professor de História da Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, gentilmente nos ajudou a estabelecer essa associação com a Editora, que se encarregará da distribuição das publicações. Esperamos assim continuar a contribuir para a divulgação dos trabalhos de nosso associados, e para a constante atualização do extraordinário legado de Helena Antipoff.

Por fim, cabe agradecer aos autores que enviaram seus trabalhos, em uma demonstração de confiança no CDPHA, e também às instituições que tornaram possível a realização do evento, em especial a CAPES, através do Programa de Apoio a Eventos, e a UFMG.

Belo Horizonte, março de 2008

Regina Helena de Freitas Campos
Presidente do CDPHA

PROGRAMA
XXVI ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF
E
VII ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL DE
PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Faculdade de Educação da UFMG

24-26.3.2008

**TEMA GERAL: Patrimônio cultural, museus, ciência e
educação: diálogos**

DIA 24.3

Horário	Local: Auditório Luís Pompeu de Campos, FAE/UFMG
8:30-10:00	Abertura Coord.: Regina Helena de Freitas Campos - Presidente do CDPHA Convidados: Otília Braga Antipoff (Presidente de Honra do CDPHA) Orlando Gomes Aguiar (Vice-Diretor da Faculdade de Educação da UFMG) Irene Melo Pinheiro (Presidente da Fundação Helena Antipoff) Maria do Carmo Coutinho de Moraes (Diretora da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais) William Barbosa Gomes (UFRGS - Representante do Comitê Científico e do NIEHPSI)
10:00-12:00	Simpósio: Museu, memória e história – o museu contemporâneo nas ciências e na educação Betânia Figueiredo (História das Ciências - UFMG) Silvânia Souza Nascimento (Educação – UFMG) Coord.: Marina Massimi (USP-Ribeirão Preto)
12-13	Intervalo
13:00-14:00	Conferência: “Da preocupação com questões de ordem psicológica à Psicologia: exemplos da Subgerência de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia” Nádia Rocha (FRB) Coord.: Lilian Erichsen Nassif (UFMG)
14:00-16:00	Mesa-redonda: Organização de museus e centros de documentação em História da Psicologia Ana Jacó (UERJ) Marina Massimi (USP-Ribeirão Preto) Norberto Abreu (UnB) Francisco Portugal (UFRJ) Coord.: Érika Lourenço (UFOP)
16:00-18:00	Reunião do Dicionário de Instituições em Psicologia no Brasil Equipes UERJ, PUC-SP, UFMG (PROCAD-CAPES E CFP) Coord.: Ana Jacó (UERJ)
18:00	Inauguração da Exposição “Memória da Psicologia em Obras Raras e Valiosas” Local: Biblioteca Alaíde Lisboa de Oliveira – Faculdade de Educação da UFMG

DIA 25.3

LOCAL /HORÁRIO	FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF Ibirité, MG	UFMG Biblioteca da FAE/UFMG Biblioteca Central da UFMG
8-10 hs.	<p>Simpósio: Tendências atuais na organização de museus e centros de documentação</p> <p>Thaís Pimentel (UFMG e PBH) Amílcar Viana Martins Filho (ICAM) Coord.: Maria Therezinha Nunes</p>	<p>Treinamento BVS-PSI Coord.: Ricardo Miranda (Biblioteca Alaide Lisboa, FAE/UFMG) Alda Verônica Goes de Miranda (Biblioteca Pe. Alberto Antoniazzi, PUC Minas) Local: Biblioteca da FAE/UFMG</p>
10-12 hs.	<p>Inauguração das novas instalações do “Memorial Helena Antipoff”</p> <p>Coord.: Irene Melo Pinheiro (Presidente da Fundação Helena Antipoff)</p>	<p>Mesa-redonda: Organização de museus e centros de documentação em Psicologia e Educação</p> <p>Heliana Conde (UERJ) Luciana Karine e Gustavo Gauer (UFMG) Saulo de Freitas Araújo (UFJF) Coord.: Stella Goulart (PUCMINAS) Local: Auditório 1 da Biblioteca Central da UFMG</p>
12-13 hs.	Intervalo	Intervalo
13-14 hs.		Visita à Sala Helena Antipoff Biblioteca Central da UFMG – 4º. Andar
14-17:30 hs.		<p>Sessões de Comunicações Coordenadas</p> <p>Tema 1 – Documentação e fontes em História da Psicologia Auditório 1 da Biblioteca Central da UFMG</p> <p>Coord.: Raquel Martins de Assis</p> <p>Tema 2 – História da Psicologia e História da Educação</p>

		<p>Auditório 2 da Biblioteca Central da UFMG</p> <p>Coord.: Marcelo Ricardo Pereira</p> <p>Sala Helena Antipoff Coord.: Irene Bulcão</p>
18:00 hs.		<p>Lançamento de livros Auditório 1 da Biblioteca Central da UFMG</p> <p>Campos, Regina H.F. e Vieira, Rita C. (Orgs.) <u>Instituições em Psicologia no Brasil</u>. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2007 (Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff).</p> <p>Oliveira, Neófito; Capitanio; Giorgio (Orgs.) <u>Vida e Trabalho: o risco de educar</u>, Editora AVSI, 2008 (Vol. 1. Coleção: Juventude, educação e trabalho: itinerário para educadores)</p>

DIA 26.3:

LOCAL/ HORÁRIO	FUNDAÇÃO HELENA ANTIPOFF	FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
8-10 hs.	<p>Simpósio: Funções educativas e tratamento de acervos de museus e centros de documentação</p> <p>Lana Mara Siman (UFMG e PUCMINAS) Bethanea Veloso (CECOR/UFMG) Francisca Izabel Maciel (Ceale/UFMG) Coord.: Maria das Graças Teixeira (FHA)</p>	<p>Treinamento BVS-PSI</p> <p>Coord.: Ricardo Miranda (Biblioteca Alaíde Lisboa, FAE/UFMG) Alda Verônica Goes de Miranda (Biblioteca Pe. Alberto Antoniazzi, PUC Minas)</p> <p>Local: Biblioteca da FAE/UFMG</p>
10-12 hs.	<p>Visita ao Memorial Helena Antipoff</p> <p>Coord.: Olinda Caetano (Coord. CDPHA – Seção Ibirité, FHA)</p>	<p>Mesa Redonda:</p> <p>Organização de museus e centros de documentação em história da Psicologia</p> <p>William Barbosa Gomes (UFRGS) Regina Célia P. Campos (UEMG) Sílvia Parrat-Dayana (UNIGE) Coord.: Maria do Carmo Guedes (PUC-SP)</p> <p>Local: Auditório Luís Pompeu de Campos (FAE/UFMG)</p>
12-13 hs.	Intervalo	Intervalo
13-14 hs.		<p>Conferência: "Maria Montessori e a psicologia da educação" Mitsuko Antunes (PUC-SP) Coord.: Rita de Cássia Vieira Local: Auditório Luís Pompeu de Campos (FAE/UFMG)</p>
14-17 hs.	Sessão de Comunicações Coordenadas	Sessão de Comunicações Coordenadas

	<p>Tema 3 – Museus de Ciências e Educação</p> <p>Coord.: Nicolau Prímola (FHA)</p>	<p>Tema 1 (cont.) - Documentação e fontes em história da psicologia</p> <p>Coord.: Lilian Erichsen Nassif</p> <p>Local: Auditório Luís Pompeu de Campos (FAE/UFMG)</p> <p>Tema 4 – Psicologia e Educação</p> <p>Coord.: Iza Rodrigues da Luz</p> <p>Local: Sala 402 (FAE/UFMG)</p>
<p>17:30-18:30 hs</p>		<p>Assembléia do CDPHA E DO NIEHPSI</p> <p>Local: Auditório Luís Pompeu de Campos (FAE/UFMG)</p>

TRABALHOS A SEREM APRESENTADOS NAS CONFERÊNCIAS, SIMPÓSIOS E MESAS-REDONDAS:

Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ) – “Clio-Psyché – preservando a memória da psicologia no Brasil”

Francisco Teixeira Portugal (UFRJ) – “O Pedagogium, a educação e a psicologia na Primeira República”

Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ) – “Sobre arquivos e tumbas – uma análise da expressão ‘documento como monumento’ “

Luciana K. Souza e Gustavo Gauer (UFMG); Cláudio Simon Hutz e e William Barbosa Gomes (UFRGS) “Aspectos da história do presente na compreensão do legado de Ângela Biaggio (1940-2003)”.

Maria Therezinha Nunes (ISEAT-FHA) “Museus e escola e o museu na escola: desafios e possibilidades para a educação histórica”.

Marina Massimi (USP-Ribeirão Preto) – “O Centro de Documentação e Memória “M.R.Covian”: Memória de um cientista e educador”

Nádia Maria Dourado Rocha (Fac. Ruy Barbosa, Salvador, Bahia) – “Da preocupação com questões de ordem psicológica à Psicologia: exemplos da Subgerência de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia”

Norberto Abreu e Silva Neto (UNB) “Produção bibliográfica sobre Rorschach e outros métodos projetivos no Brasil (1932-1989)”

Regina Célia Pereira Campos (UEMG) – “Constituição do acervo documental do Serviço de Orientação e Seleção Profissional – SOSP (1949-1994)”

Silvia Parrat-Dayan (UNIGE) – “Os Arquivos Jean Piaget: centro de difusão das idéias piagetianas e centro de pesquisa”

Silvânia Sousa do Nascimento (UFMG) - “As instituições patrimoniais e o diálogo entre sujeitos de espaços e tempos diferenciados

Saulo de Freitas Araújo (UFJF) – “Uma reflexão sobre fontes de pesquisa histórica em Psicologia: o caso de Wilhelm Wundt”

William Barbosa Gomes (UFRGS) – “Museus virtuais: plasticidade e versatilidade para a pedagogia universitária”

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS:

Tema 1: Documentação e fontes em história da psicologia

Data e horário: 25.3, 14-17 hs.

Local: Auditório 1 da Biblioteca Central da UFMG (2º. Andar)

Coord.: Raquel Martins de Assis

- 1) Érika Lourenço (UFOP) “Fontes para a historiografia das relações entre Psicologia, Educação e Direito: o caso da Faculdade de Direito da UFMG”;
- 2) Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino (UnB) “Psicologia como patrimônio histórico-cultural: Espaço Alon-Psi”;
- 3) Lucila Lima da Silva; Andressa Siqueira Gonzaga; Ana Maria Jacó-Vilela e Daiane de Souza Mello (UERJ) “Reconstruindo histórias institucionais – as dificuldades em relação a acervos e fontes orais”;
- 4) Márcio José de Araújo Costa e Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ) “A ‘embriologia’ dos arquivos – o problema da expressão e da narrativa oral a partir de uma perspectiva deleuziana”;
- 5) Maria Stella Brandão Goulart ((PUCMINAS)) “Nos porões da loucura: histórias do esquecimento”;
- 6) Raquel Martins de Assis; Daiane Marques Silva; Juliana Silva Vieira e Juliana Souza Martins (UFMG) “Saberes psicológicos em impressos do século XIX: objetos e fontes para a história da psicologia da educação no Brasil”;

Tema 1: Documentação e fontes em história da psicologia (cont.)

Data e horário: 26.3, 14-17 hs.

Local: Auditório 1 da Biblioteca Central da UFMG (2º. Andar)

Coord.: Lilian Erichsen Nassif

- 1) Cecília Andrade Antipoff (CDPHA) “ADAV – Um patrimônio da história da educação que merece maior atenção”
- 2) Fernanda Alcântara de Oliveira, Amanda dos Santos Gonçalves, Daniel Maribondo Barboza, Vanessa Menezes de Andrade, Allan César Procópio Belém e Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ) “O desafio do oral: as dificuldades com que as entrevistas nos defrontam”
- 3) Heliana de Barros Conde Rodrigues, Daniel Maribondo Barboza, Allan César Procópio Belém, Fernanda Alcântara de Oliveira, Amanda dos Santos Gonçalves e Vanessa Menezes de Andrade (UERJ) “Uma domesticação do pensamento selvagem? Acerca da singularidade dos acervos orais”;
- 4) Kátia Botelho Diamico Praça (UERJ) “Por uma história oral do tempo presente como uma genealogia”
- 5) Lilian Erichsen Nassif (UFMG) “As fontes primárias na pesquisa histórica: um estudo do conceito de *interesse* na obra de Edouard Claparède (1873-1940)”
- 6) Márcio José de Araújo Costa e Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ) “Reverendo o sentido de representatividade e reflexividade: A história oral como intercessor”
- 7) Ana Maria Jacó-Vilela e Isabel Oliveira (UERJ) “Implantação de acervo audiovisual da História da Psicologia no Programa Clio-Psyché”

Tema 2: História da Psicologia e História da Educação

Data e horário: 25.3, 14-17 hs.

Local: Auditório 2 da Biblioteca Central da UFMG (4º. Andar)

Coord.: Marcelo Ricardo Pereira

- 1) Marcelo Ricardo Pereira (UFMG) “A morte da infância”;
- 2) Ana Maria Jacó-Vilela, Camilla Felix Barbosa e Dejanya Ferreira dos Santos” (UERJ) “Mulheres no Laboratório de Biologia Infantil”;
- 3) Ana Maria Jacó-Vilela, Dejanya Ferreira dos Santos e Lucila Lima da Silva (UERJ) “Mulheres na Psicologia: os Arquivos Brasileiros de Psicotécnica”;
- 4) Dener Luiz da Silva (UFSJ) “O debate Piaget-Wallon na Sociedade Francesa de Filosofia em 1928: início de uma longa interlocução”;
- 5) Dener Luiz da Silva (UFSJ) “ Wallon e a filmologia: um relacionamento”;
- 6) Gustavo Gauer (UFMG) “A mente experimental de Sir Frederic C. Bartlett (1886-1969)”.

Tema 2: História da Psicologia e História da Educação

Data e horário: 25.3, 14-17 hs.

Local: Sala Helena Antipoff (Biblioteca Central da UFMG, 4º. Andar)

Coord.: Irene Bulcão

- 1) Karina Fideles e Maria Luiza Marques (PUCMinas) “A história da Psicologia na PUC-Minas: alunos participam, constroem e fazem parte da história”;
- 2) Ana Maria Jacó-Vilela, Maria Claudia Novaes Messias, Filipe Degani Carneiro e Rafael Ribeiro de Souza Maia (UERJ) “A mulher na história da psicologia no Brasil: resgatando Lucília Tavares”.
- 3) Alyne Rachid Ali Scofield (PUCMINAS) “Paternidade libanesa e processos de subjetivação” (PUC-MG);
- 4) Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ) e Irene Bulcão (Universidade Cândido Mendes) “Montando um Caleidoscópio: dicionário institucional de Psicologia no Brasil”;

- 5) Alexandre Castro (CEFET/RJ) “O lugar da psicologia na história do Instituto Helena Antipoff (RJ)”;
- 6) Marcos Cândido e Marina Massimi (USP-RP) “ Humanismo no pensamento universitário de Miguel Rolando Covian”.

Tema 3: Museus e centros de documentação em história das ciências

Data e horário: 26.3. 14-16 hs.

Local: Fundação Helena Antipoff

Coord.: Nicolau Prímola

- 1) Carmem Sílvia Rotondano Taverna (USM/NEHPSI-PUC-SP) “Documentário sobre o caso do Serviço de Psicologia Escolar da Prefeitura Municipal de São Paulo”;
- 2) Renato Santos Lacerda, Jezulino Lúcia Mendes Braga, Niura Sueli de Almeida Martins, Clibson Alves dos Santos, Maria Aparecida Perrouth Sueth Fontoura e Elizabeth Aparecida Lopes (UNILESTE, MG) “Projeto de revitalização e difusão da mostra de mineralogia e petrologia – Museu Padre Joseph Cornelius Marie de Man”;
- 3) Sabrina Dantas .Mendes Fernandes (UNILESTE, MG) - “Público de museu – Casa de Memória e Pesquisa do Legislativo: Ações culturais e educativas”.
- 4) Tânia Margarida Lima e Tula Maria Rocha Morais (UFMG) - “Projeto Ciência na Estrada – Museu Interativo” (UFMG);

Tema 4: Psicologia e educação no Brasil

Data e horário: 26.3, 14-17:30 hs.

Local: Sala 402, FAE/UFMG

Coord.: Iza Rodrigues da Luz

- 1) Cleyde de Oliveira Castro (UFACre) - "Recepção da Escola Nova no Acre (1930-1950)";
- 2) Regina Lúcia Sucupira Pedroza (UNB) - "Brincadeira, Psicologia e Educação: uma reflexão crítica";
- 3) Vanilda Ferreira Carneiro Pereira (PUC-Minas) - "Juventude e Folia de Reis na Cidade";
- 4) Maria Renata Silva Furtado (Fac. Inforium de Tecnologia) e Anna Maria Salgueiro Caldeira (PUC-Minas) - "As armadilhas da educação inclusiva: um estudo de caso em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte";
- 5) Helder de Moraes Pinto (FEVALE/FAFIDIA) e Leila de Alvarenga Mafra (PUC-Minas) - "A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza e a formação de professores para o meio rural mineiro (1950-1970)".
- 6) Elizabeth Dias Munaier Lages (ISEAT-FHA) "Educação humanista, libertadora, democrática e emancipatória: uma (re)leitura das obras de Helena Antipoff e Paulo Freire"
- 7) Iza Rodrigues da Luz (UFMG) "A dimensão sócio-afetiva no trabalho pedagógico de Helena Antipoff";
- 8) Juliana Cesário Hamdam (Fac. Pitágoras) "Ensinar não é explicar, é fazer ver" – Firmino Costa e as materialidades da reforma (1906-1918);
- 9) Ângelo Filomeno Palhares Leite (ISEAT-FHA) "Filosofia e educação: a necessidade de uma educação estética para a constituição de uma subjetividade ampla: para uma crítica da filosofia da educação";
- 10) Keine Aparecida Pereira (ISEAT-FHA) "Educação Rural no Brasil: uma visão introdutória"

RESUMOS

CONFERÊNCIAS, SIMPÓSIOS E MESAS- REDONDAS

Implantação de um acervo audiovisual da História da Psicologia no Programa Clio-Psyché

Ana Maria Jacó-Vilela

Isabel C. de Oliveira

**Núcleo Clio-Psyché, Universidade do Estado do Rio de
Janeiro**

O Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia – Clio-Psyché, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UERJ, desenvolve desde 1998, ano de sua criação, projetos voltados para a história dos saberes e das práticas psicológicas no Brasil. Desde o início, interessou-se pela busca de materiais (entrevistas, depoimentos, vídeos, etc) que resgatem, de forma direta ou indireta, a trajetória das personalidades que fazem parte da história da Psicologia das instituições relevantes para esta, bem como a própria trajetória do campo como ciência e profissão e sua importância na história do Brasil. Preocupados com o futuro de dezenas de horas de entrevistas, depoimentos, filmes e conferências sob nosso poder, resolvemos desenvolver um projeto que, acompanhando a modernização dos recursos audiovisuais, eletrônicos e digitais, utilizados na produção, no registro, na divulgação e na disseminação de materiais didáticos e de pesquisas, possibilite o melhor arquivamento e aproveitamento do conhecimento produzido por pesquisadores sobre os diferentes atores sociais da Psicologia em nosso país. O projeto que desenvolvemos tem como objetivo implementação, preservação e fomento de um Acervo

Audiovisual no Programa, visto que a quantidade de material em VHS, DVD e Fita Cassete, além de fotos existente no mesmo tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Tal material é fruto das pesquisas desenvolvidas pelas coordenadoras do Programa, Ana Maria Jacó-Vilela e Heliana de Barros Conde Rodrigues, com o auxílio dos bolsistas de Iniciação Científica, Mestrandos e Doutorandos. A proposta de organização e sistematização do acervo de áudio tem por meta contribuir para a divulgação e preservação do arquivo audiovisual já existente no Programa Clio-Psyché, democratizando seu acesso para o público. Neste sentido, comporta quatro objetivos, a saber: levantamento do material existente, catalogação das fitas de áudio e vídeo, divulgação do acervo e preservação e fomento desse material (entrevistas, conferências, seminários, palestras, cursos, etc.). No decorrer da implantação do acervo, é necessário estabelecer parâmetros para a organização do mesmo. Pretende-se, aos poucos, ampliar as atividades do futuro acervo, oferecendo ao usuário um terminal de consulta através do site do Programa. Espera-se que o Acervo Audiovisual em História da Psicologia seja uma referência na disseminação social de documentos referentes ao campo psi, compartilhando experiências e conhecimento com outras instituições ligadas à guarda, conservação e difusão de acervos audiovisuais, ou compartilhando com o público em geral: pesquisadores, historiadores e estudantes. A criação desse Acervo pode servir de base para outras instituições e centros de pesquisa constituírem outros acervos audiovisuais, tendo com isso um efeito multiplicador, já que esta atividade ainda é pouco desenvolvida no Brasil.

O Pedagogium, a educação e a psicologia na Primeira República

Francisco Teixeira Portugal

Rafael Pinheiro Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A consolidação de uma reflexão sobre a educação e suas relações com projetos acadêmicos e científicos depende, em grande parte, de análises históricas dessas experiências. Tais análises históricas, por sua vez, se tornam possíveis por aparelhos como museus, bibliotecas e outros meios de seleção e preservação do passado. A articulação entre patrimônio cultural, museus, ciência e educação encontra no Pedagogium um caso particular de interesse apesar das dificuldades de acesso a seus documentos e patrimônio. O Pedagogium foi fundado como um museu escolar em 1890, no Distrito Federal, e fechou suas portas em 1919. Neste sentido sua proposta central foi impulsionar reformas e melhorias no ensino nacional, dando ênfase principalmente às escolas normais e agindo como um centro nacional de controle e coordenação das atividades pedagógicas no país. A idéia do museu pedagógico brasileiro surgiu em 1882, em virtude da reforma do ensino realizada por Rodolfo Dantas, tendo como apoio o parecer do projeto de ensino primário de Rui Barbosa. Mas foi no início da República, e constituindo expressão do projeto republicano para a educação, que ele é implementado a fim de realizar uma reforma na instrução pública tendo como princípios, de um lado, o ensino gratuito, laico e livre e, de outro lado, tomar a ciência como pilar para organização do currículo e do ensino. O Pedagogium contou com a Revista Pedagógica, um órgão de veiculação das idéias e

propostas discutidas na instituição entre 1890 e 1896, último ano de sua publicação. A análise histórica da atuação do Pedagogium pode ser dividida em duas em função do material disponível para investigação. O período de 1890 a 1896, quando a instituição estava sob a direção de Joaquim José Menezes Vieira, conta com uma importante fonte disponível, a Revista Pedagógica. O material da instituição referente ao período 1897 a 1919, sob direção de Manoel Bomfim, foi encaminhado para a Escola Normal quando de seu fechamento mas é de difícil localização. Entretanto, contamos, nesse segundo período, com farto material escrito na forma de livros por seu diretor e diretamente relacionado ao projeto educacional da instituição e de alguns documentos em periódicos. Há durante todo o período de atuação do Pedagogium uma forte vinculação às diretrizes positivistas de progresso e ordem social produzida pela instrução pública e sustentada pela aplicação do conhecimento científico. Entretanto o modo como o conhecimento científico, a Psicologia sendo referência constante, municiou o processo educacional apresenta nuances nesses dois períodos. Se a Revista Pedagógica se apresenta como expressão do projeto positivista de progresso, a obra de Manoel Bomfim e sua direção da instituição colocam alguns problemas para a noção de evolução, conceito central na sustentação da idéia de progresso. A difundida tese de um conhecimento psicológico no Brasil na Primeira República a serviço da ordem e da regulação social poderia aqui ser matizada e compreendida dentro de um conjunto mais amplo de agentes sociais.

Sobre arquivos e tumbas
- Uma análise da expressão “documento como monumento”

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Vanessa Menezes de Andrade

Fernanda Alcantara de Oliveira

Amanda dos Santos Gonçalves

Daniel Maribondo Barboza

Allan César Procópio Belem

**Programa Clio-Psyché, Departamento de Psicologia Social e
Institucional**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Publicado em 1978, “A voz do passado”, de Paul Thompson, representou para os historiadores orais uma poderosa arma de resposta aos ditos ‘tradicionalistas’, para os quais a fonte exclusiva da disciplina histórica seriam os documentos escritos (ou, ao menos, passíveis de tranqüila conversão à ‘escritura’). Nesse livro, gigantesco esforço de réplica que obrigou os exclusivistas da escrita a uma radical revisão da fidedignidade supostamente incontestável de suas fontes, Paul Thompson apela freqüentemente a Jules Michelet (1798-1874), professor da École Normale Supérieure e curador-chefe (1831) dos Arquivos Nacionais Franceses. Nestes últimos, a partir da Revolução, deposita-se o conteúdo até então espalhado por inúmeros locais de guarda: atas de reuniões das facções revolucionárias, transcrições de registros policiais, diários, cartas, autobiografias, relatos de acontecimentos oferecidos por notáveis ou anônimos, dados encontrados em mosteiros e castelos etc.

Referindo-se a tais arquivos, então prestes a se tornarem o habitat natural do historiador, declara Michelet no posfácio ao segundo volume da História da França: “A vitória será nossa, pois somos a morte. (...) Quanto a mim, quando entrei pela primeira vez nessas catacumbas de manuscritos, nesta admirável necrópole de monumentos nacionais, teria de bom grado exclamado (...): ‘Este é meu descanso eterno....’”. As comparações estabelecidas por Michelet entre arquivos e tumbas não apenas seduzem Paul Thompson por sua beleza literária e expressividade, como nos conduzem, na presente comunicação, a uma análise da proposta foucaultiana, contida em “Arqueologia do Saber”, de “tratar o documento como monumento”. Ao contrário do que possa sugerir à primeira vista – justamente uma petrificação mortífera –, a frase pretende injetar vida na documentação utilizada pelos historiadores; além disso, não se limita, como é comum encontrar em muitas das análises sobre ela existentes, à mera constatação de que toda história seja uma atividade de construção ou elaboração documental em face de um problema formulado pelo pesquisador. Conseqüentemente, recorrendo a Foucault em articulação com Jacques Le Goff, pretende-se aqui uma apreciação mais nuançada da prática de “monumentalização documental”. Ao longo do percurso, será estabelecido um retorno ao tema da História Oral mediante considerações deleuzianas sobre a memória, pois, coincidentemente, para Gilles Deleuze, o modelo da “tumba do faraó” caracterizaria, com funestas conseqüências, a quase totalidade dos estudos relativos ao ato de recordar. Interessante exceção pode ser encontrada, contudo, nos trabalhos do historiador oral australiano Alistair Thomson, que nos servirão de guia para forjar ligações e propor conclusões. Através da idéia de memória-composição,

este autor “monumentaliza” a memória em um sentido bastante próximo ao da proposta foucaultiana e nos faculta uma prática de pesquisa histórica, apelando às recordações dos atores envolvidos nos processos em estudo, capaz de injetar vida nas tumbas arquivísticas – exatamente aquelas que tanto angustiaram o novecentista Jules Michelet e que deflagaram, com Paul Thompson, a potente réplica contida em “A voz do passado”.

**Aspectos da história do presente na compreensão do legado de
Angela Biaggio (1940-2003)**

Luciana Karine de Souza (Universidade Federal de Minas Gerais)

Gustavo Gauer (Universidade Federal de Minas Gerais)

Claudio Simon Hutz (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

William B. Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o procedimento historiográfico no tratamento de personagens da história recente da psicologia. Tal reflexão é pautada pela perspectiva da história do presente, ou contemporânea, e baseia-se numa experiência historiográfica, em curso, de compreensão da vida e obra de uma personagem contemporânea da psicologia no Brasil. O caso em exame trata do registro e apreciação da vida e obra da professora e pesquisadora Angela Maria Brasil Biaggio (1940-2003), pioneira da pesquisa em psicologia do desenvolvimento no país. Num brevíssimo resumo desta trajetória, encontra-se uma das personagens mais importantes e influentes na consolidação do ensino e pesquisa na área de psicologia do desenvolvimento no Brasil. Numa carreira que, embora prematuramente interrompida, se estendeu por mais de 40 anos, Angela Biaggio publicou mais de 60 artigos em periódicos e 3 livros, entre eles o reconhecido livro-texto *Psicologia do Desenvolvimento*, com 17 edições até 2003. Foi precursora no Brasil de diversas temáticas e abordagens da psicologia do desenvolvimento (como julgamento moral), de instrumentos de avaliação de ansiedade, ensino de psicologia, perspectivas internacionais sobre a psicologia no Brasil e, em sua última produção, dos temas da comunidade justa e das

atitudes em relação à ecologia e à paz. Além da impactante produção, Angela Biaggio influenciou na área através de mais de 50 orientações de mestrado e doutorado, a maioria das quais defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Angela Biaggio foi Presidente da Sociedade Interamericana de Psicologia de 1991 a 1993, e Presidente de Honra da Sociedade (atualmente Associação) Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento. A historiografia da trajetória de personagens contemporâneas como a Professora Angela Biaggio coloca ao historiador da psicologia uma série de desafios refletidos no aporte da historiografia do presente. Um primeiro desafio é o da articulação de interesses entre as pessoas e instituições que guardam posse dos arquivos e as possibilidades de arquivamento. De um lado, fontes primárias oriundas de arquivos pessoais, familiares e institucionais, de registro da vida e obra, aparentam ser mais acessíveis aos pesquisadores. De outro, a disponibilidade de recursos institucionais de manutenção e arquivamento de fontes nem sempre se concatena com as necessidades de preservação. Outro aspecto problemático dessa historiografia diz respeito aos desafios e limitações à interpretação de dados históricos que na prática, por recorte temporal convencional, pertencem ao presente. A ausência do distanciamento temporal quando se aborda personagens recentes impõe desafios ao trabalho historiográfico, bem como a influência e as expectativas geradas por relações pessoais e políticas. Outrossim, trabalhos desta natureza são permeados pelo valor de testemunho e deve-se aproveitar o acesso privilegiado a fontes primárias e praticamente imediatas. No caso da compreensão do legado de Angela Biaggio, os esforços presentes são

pela preservação de fontes preciosas para o registro da trajetória desta personagem crucial na história da psicologia no Brasil. Contudo, os dois maiores desafios da história do presente se apresentam a articulação de recursos e disponibilidades e o justo distanciamento, não temporal, mas metodológico, na interpretação desse legado.

Museus e escola e o museu na escola: desafios e possibilidades para a educação histórica

Maria Terezinha Nunes

Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira

Fundação Helena Antipoff

Este trabalho tem como objetivo refletir as discussões, e vivências acerca da relação museu e escola. A questão central é a de que as duas instituições possuem funções distintas e compartilham a preocupação com a educação histórica e a preservação do patrimônio. O museu é um dos espaços privilegiados da memória social e atualmente é compreendido, não como um lugar onde se expõe o curioso, o excêntrico e as coisas antigas, como nos antigos gabinetes de curiosidade. A escola quando vai ao museu deve planejar a visita a partir de objetivos claros como o de valorizar a memória e refletir acerca de questões, conceitos que levam à seleção dos objetos, textos e iconografias das exposições. Levar as crianças aos museus exige conhecimento e informação dos professores acerca da organização museal, suas propostas, como um dos lugares privilegiados da memória. Da mesma forma, os educadores de museus ao repensar e intensificar a relação com a escola podem tentar uma aproximação maior com este espaço e a sua cultura, estabelecendo um diálogo para aprimorar e cumprir os propósitos educativos comuns. Outra questão é a de como montar um pequeno acervo na escola. Este último é um objetivo que se relaciona com a educação patrimonial e a preservação de fontes, a

leitura crítica e a compreensão das crianças e um primeiro contato com o método de produção do historiador.

**O Centro de Documentação e Memória “M.R. Covian”:
Memória de um cientista e educador**

Marina Massimi

**Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto**

O trabalho verte acerca da história do *Centro de Documentação e Memória M. R. Covian*, alocado junto à Faculdade de Medicina-USP no Campus de Ribeirão Preto: trata-se de uma rica biblioteca na área das ciências e das humanidades e de um importante arquivo de correspondência epistolar que pertenciam ao cientista argentino Miguel Rolando Covian, um dos fundadores do Departamento de Fisiologia daquela instituição. Nascido em 1913 na Argentina, Miguel Rolando Covian formou-se em Medicina em 1942 pela Universidade Nacional de Buenos Aires e doutorou-se em 1943 sob a orientação de Bernardo A. Houssay, que em 1947 foi o primeiro Prêmio Nobel de Medicina da América Latina e que foi o mestre e interlocutor de Covian num diálogo epistolar que se estendeu ao longo de sua vida. Em 1955, Covian foi convidado por Zeferino Vaz a vir ao Brasil participar do início do Departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. Atuou como docente e pesquisador de 1955 a 1992, sendo uma personalidade marcante nos meios acadêmicos. Morreu em 1992 em Ribeirão Preto - SP. Covian foi um dos promotores do desenvolvimento do Departamento de Fisiologia, e contribuiu para transformá-lo em um importante centro de ensino e pesquisa do país. Após sua morte, o *Centro de Documentação e*

Memória se constituiu na própria comunidade universitária onde Covian atuara, a partir da memória de sua presença e presença universitária e da necessidade de preservar o rico patrimônio documentário por ele criado e organizado. Sem dúvida, este acervo constitui-se num patrimônio significativo para a história da ciência e da universidade latino americana. Neste âmbito, ressaltamos a originalidade e riqueza dos documentos epistolares, que além de terem sido um canal de contato direto com os interlocutores (Bernardo Houssay em primeiro lugar), tornaram-se um veículo de elaboração e verbalização das experiências pessoais e profissionais de Covian. A distância geográfica e a ausência de mestre, amigos e familiares, ao mesmo tempo em que o fizeram enfrentar o desafio da diversidade, paradoxalmente proporcionaram-lhe também a satisfação de exercer sua vocação universitária de cientista numa circunstância histórica que lhe exigia um espírito pioneiro e construtivo, como seria a de colaborar na condução de uma nova instituição universitária, inspirado pela motivação da busca da verdade pela pesquisa científica vivenciada numa perspectiva cultural ampla e humanista e de ampliar as fronteiras das ciências no Brasil, tendo em vista o contexto Latino Americano.

**Da preocupação com questões de ordem psicológica à
Psicologia: exemplos na Subgerência de Obras Raras e Valiosas da
Biblioteca Pública do Estado da Bahia**

**Nádia Maria Dourado Rocha
Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, Bahia**

Neste ano o Brasil, e em especial a Bahia, está comemorando o bicentenário da mais antiga das instituições de ensino superior, que tem por núcleo inicial a Escola de Cirurgia da Bahia, cujo funcionamento foi autorizado por D. João, Príncipe Regente de Portugal, por ocasião da Transmigação da Corte Portuguesa, 308 anos após o descobrimento. Este fato, por si só, é um forte indicador da política da metrópole – uma atuação predominantemente extrativista, numa reserva aparentemente inesgotável de recursos naturais, a exemplo do pau-brasil, do ouro e de diamantes, como bem pontua Laurentino Gomes no livro “1808”. Esta atitude política trouxe como decorrência natural uma posição de não investimento na instrução e cultura da colônia e até mesmo sanções a eventuais iniciativas neste sentido, que ocorreram nas várias Províncias. São exemplo disto as várias “Academia literárias”, que foram inviabilizadas ao nascer. Neste contexto é compreensível a inexistência de bibliotecas que atendessem ao público em geral, mesmo porque a maioria absoluta era composta por iletrados. As poucas bibliotecas existentes ficavam nos conventos e eram privativas do clero. Em 1811 um grupo de baianos, liderados por Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, solicitou autorização para instalar uma biblioteca na Bahia. A

inauguração ocorreu em 13/05/1811, data da liberdade de imprensa no Brasil e do aniversário de D. João. É esta a decana das bibliotecas públicas no nosso país. Na década de setenta do século passado foi criado o Setor de Obras Raras e Valiosas, atualmente Subgerência (SORV), cujo acervo é composto por livros que, de alguma forma se destacam. Análise preliminar revelou a existência de 1466 obras cujo conteúdo lida com questões de ordem psicológica ou especificamente de Psicologia, publicados a partir de 1817, em 14 países: França (649), Brasil com (337), Argentina (155), Espanha (88), Portugal (67), Estados Unidos (45), Itália (41), Inglaterra (26), México (15), Bélgica (10) , Suíça (6), Chile (3), Uruguai(3), Alemanha (1), faltando informação sobre o local de publicação de 20 deles. Dos publicados no Brasil, 184 são produções originais. Félix Alcan foi a editora que mais publicou, tendo sido responsável por 152 títulos. Dois livros apresentam características de raridade, a saber: Cartas para a Educação de Cora, escrito por José Lino dos Santos Coutinho e Investigações de Psicologia, de Eduardo Ferreira França, publicados, respectivamente, em 1849 e 1854. No acervo encontram-se livros de autoria, por exemplo de Alexander Bain, Alfred Adler, Alfred Binet, André Ombredane, A Espinas, Charlotte Buhler, Edouard Claparède, Emílio Mira y Lopez, Georges Dumas, John Dewey, James Mark Baldwin, John B Watson, Marie Bonaparte, Ovide Decroly, Raymond B.Cattell, Sigismund Freud, Theodule Ribot, William James, Wilhelm Wundt, Wladimir Bechterew; e os brasileiros : Elzo Arruda, Isaias Alves de Almeida, Jacinto Godoy, Medeiros e Albuquerque, Noemy da Silveira Rudolfer. Vale destacar, todos estes brasileiros incluídos entre os pioneiros da Psicologia brasileira. Vários destes livros originalmente integraram bibliotecas de personagens de

destaque na Bahia, a exemplo de Alfredo de Campos França, João Mendonça, Gonçalo Muniz, Pires de Carvalho e Prado Valadares. Finalizando, este acervo constitui-se numa rica fonte de pesquisa em História da Psicologia.

**Produção bibliográfica sobre Rorschach e outros métodos
projetivos no Brasil (1932-1989)**

Norberto Abreu e Silva Neto

Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

Com a intenção de escrever um trabalho sobre a prática dos métodos projetivos no Brasil, planejei desenvolver um escrito em duas partes: uma referente à história mais antiga (1930-1980), e outra traçando um panorama do passado recente e atualidade (1980-2006). Não tive dificuldade em obter material para a segunda parte mas não consegui encontrar estudos sistemáticos sobre a produção nacional do período mais antigo, exceção feita a um trabalho. Dessa forma, dei início a um levantamento de referências da produção bibliográfica sobre os métodos projetivos no Brasil, no período de 1932-1989, o qual, tendo em vista a grande variedade de técnicas projetivas, ficou limitado ao material relativo aos mais usados, agrupados em três segmentos: técnicas de manchas de tinta (Rorschach e Z-teste), técnicas pictóricas (TAT/CAT), e técnicas de execução gráfico-verbais (DAP, Árvore, Desenho Livre, e HTP). As fontes usadas para coletar o material foram: as listas extensas e compreensivas de livros e manuais; as secções de referências de trabalhos publicados em Anais e em artigos; arquivos da BVS; outros arquivos da internet; Plataforma CV-Lattes, Dicionário "Pioneiros"/CFP. As referências coletadas foram transcritas e agrupadas por tipo de técnica, em ordem cronológica, sendo as produções de cada ano ordenadas alfabeticamente pelo nome de autor. O levantamento resultou em um catálogo com 425 referências bibliográficas (Rorschach = 305;

gráficos = 95; e pictóricos = 25), que incluem: artigos, livros, capítulos de livros, teses de cátedra, de livre-docência, de doutorado, dissertações de mestrado, monografias de especialização, apostilas, comunicações, resumos e trabalhos completos em anais, e livros de anais de eventos. Assim, tendo em mente uma caracterização geral dessa produção bibliográfica, foram computados, conforme as categorias de técnicas e por décadas, os seguintes índices numéricos: de referências, de autores, de artigos, de periódicos, de livros, de capítulos de livros, de teses e monografias, e de manuscritos. Essa caracterização mostrou de imediato o movimento geral: predomínio da produção bibliográfica sobre o Rorschach (71,77% do total), cujo crescimento é constante ao longo das décadas, com exceção dos anos 60 no qual acontece um imenso crescimento; a do grupo dos gráfico-verbais (22,35%) cresce constantemente mas em muito menor intensidade que a do Rorschach; e a produção sobre as técnicas pictóricas é mínima (5,88%), tendendo à estagnação. E, com base nos índices numéricos um quadro mais detalhado está sendo elaborado e nele são indicadas as dificuldades da pesquisa e sugestões para investigações posteriores. Somente para o Rorschach, foram elaboradas categorias para uma classificação das temáticas com base nos títulos das referências, como se segue: categorias de classificação do protocolo; padrões de reação; diagnóstico psicológico e psiquiátrico; questões metodológicas; campos de aplicação; teoria da personalidade; sistemas de interpretação; aspectos da cultura; e, diversos. Dessa forma, e uma vez concluído o trabalho, espero, através da oferta de um catálogo de referências bibliográficas, contribuir para a organização e a preservação de um acervo nacional dos métodos e técnicas projetivas.

**Constituição do acervo documental do Serviço de
Orientação e Seleção Profissional - SOSP (1949-1994)**

Regina Célia Pereira Campos

**Faculdade de Educação - Universidade do Estado de Minas
Gerais – UEMG e Mestrado em Educação e Saúde – Universidade
Presidente Antônio Carlos – Barbacena/MG**

As pesquisas e as produções científicas no campo da história têm sido sustentadas nos pilares da existência e preservação de acervos documentais que guardam registros e memória institucional e administrativa de diversos campos do conhecimento. A pesquisa em arquivos possibilita a localização, no tempo e no espaço, em constante movimento de discussão das realidades sociais e culturais, dos conflitos e contradições que se operam na sociedade. A constituição de um acervo para a pesquisa no campo da História da Psicologia e da Educação é uma atividade complexa. Requer a preservação, a catalogação, a política de disponibilização de documentos e a consequente elaboração de projetos acerca da pesquisa documental. O acesso restrito aos documentos, o manuseio de papéis antigos e o esforço da busca dos elementos e categorias de análise fazem poucos adeptos entre pesquisadores e instituições. O acervo SOSP, projeto financiado pela FAPEMIG(2005-2007) e Programa Papq/UEMG(2007-2008), reúne registros sobre as práticas da psicologia e da educação em Minas Gerais na segunda metade do século XX. O SOSP foi um serviço de psicologia aplicada, ligado ao Instituto de Educação-IEMG, que

funcionou, de 1949 a 1994, atendendo setores e órgãos do estado de Minas Gerais. Buscava estabelecer critérios e provas de caráter psicológico para a seleção de pessoal destinado à administração pública mineira e realizar orientação vocacional, educacional e profissional. Após sua incorporação à Universidade do Estado de Minas Gerais, em 1994, foi transformado em Centro de Psicologia Aplicada-CENPA, que ainda hoje, funciona. Deixou, entretanto, documentos oriundos do período de 1949 a 1994, a serem tratados e analisados. Os documentos do SOSP tornam-se, pouco a pouco, um *corpus* documental que, após o tratamento e indexação dos documentos, permitirá o cruzamento de dados obtidos e análises dos resultados dos testes e laudos psicológicos. Trata-se de uma conquista, uma vez que oferece espaço de interlocução e produção de pesquisa sobre diversos temas: tratamento e intervenção da questão educacional, encaminhamentos institucionais, perfil do trabalhador no âmbito da orientação profissional, contexto sócio-político das práticas de seleção profissional, entre outros. Os dados, em sua maioria laudos psicológicos e seleções profissionais, apontam para a necessidade de se apreender o conhecimento construído por esse serviço de psicologia aplicada, através da leitura e análise dos laudos e planos de seleção. Ao recuperar as baterias de testes e procedimentos, as sínteses de orientação vocacional e profissional, das prescrições de testagem psicológica, tornam-se evidentes os “modelos de subjetivação” prescritos para a criança e o adolescente na escola, o adulto em seu desempenho de tarefas profissionais e escolha de carreiras. Permitirão identificar condições do sujeito para as aprendizagens escolares e as políticas e modelos de “ajustamento” do sujeito às condições sócio-históricas, econômicas e

políticas, ao longo de várias décadas de aplicação da psicologia no estado de Minas Gerais.

**Os Arquivos Jean Piaget: centro de difusão das
idéias piagetianas e centro de pesquisa**

Silvia Parrat-Dayan

Arquivos Jean Piaget, Universidade de Genebra

Pretendemos apresentar a história da instituição dos Arquivos Piaget. Os Arquivos Piaget foram criados no ano 1974 por Bärbel Inhelder, no quadro da Universidade de Genebra. A finalidade da Fundação era colocar a disposição dos pesquisadores, professores e estudantes toda a literatura de Piaget e em relação com a obra de Piaget. Os Arquivos têm uma coleção de resenhas críticas sobre a obra de Piaget, eles contam com quase todos os protocolos que foram utilizados por Piaget e Inhelder para escrever seus livros e com alguns manuscritos e cartas. As atividades dos Arquivos são principalmente realizar um curso avançado, um seminário interdisciplinar sobre temas piagetianos e editar um catálogo com as referências atuais sobre Piaget. Pretendemos explicar em que sentido os Arquivos são também um centro de pesquisa e ilustraremos isto com uma pesquisa.

**Uma Reflexão Sobre Fontes de Pesquisa Histórica em Psicologia:
O Caso de Wilhelm Wundt**

**Saulo de Freitas Araujo
Departamento de Psicologia
Universidade Federal de Juiz de Fora**

Embora tenha havido, a partir da década de 1980, uma verdadeira explosão de estudos sobre o pensamento psicológico de Wilhelm Wundt, poucos foram os trabalhos que utilizaram as valiosas fontes primárias disponíveis em algumas universidades alemãs – incluindo aí sua correspondência e vários outros documentos importantes –, que são fundamentais para uma compreensão adequada de seu projeto de psicologia. O objetivo do presente trabalho é apresentar, com base nas investigações que o autor realizou na Alemanha durante os anos de 2005 e 2006, um relato sobre a disposição e a estruturação das fontes ligadas à vida e à obra de Wundt nas Universidades de Tübingen, Heidelberg e Leipzig. Serão ressaltadas as dificuldades encontradas nessas investigações, sobretudo no que diz respeito à catalogação adequada dessas fontes. Uma ênfase maior recairá sobre os Arquivos-Wundt na Universidade de Leipzig, uma vez que seu acervo é de longe o mais rico e representativo para as investigações sobre Wundt. Finalmente, será feita uma reflexão sobre o uso e o significado dessas fontes na pesquisa histórica em psicologia.

As instituições patrimoniais e o diálogo entre sujeitos de espaços e tempos diferenciados

Silvania Sousa do Nascimento
Faculdade de Educação da UFMG
GEPCE-UNICAMP

O tema proposto para a presente mesa desafiou-me a refletir sobre duas identidades que sempre se entrelaçam nas galerias dos museus. A primeira que tratarei é a identidade individual do sujeito constituído e constitutivo das memórias expostas e, a segunda, aquela coletiva compartilhada ideologicamente pela sociedade que elege instituições de memória. Na contemporaneidade, não somente os museus ocupam essa posição, temos cada vez mais arquivos, centros de memória, memoriais e outros espaços sociais de valorização da memória e de conservação do patrimônio artístico, cultural, científico, natural e mesmo industrial. A pesquisa na área museológica identifica um significativo crescimento do número de instituições patrimoniais na atualidade, mas será que os museus estão na moda? Os museus são, antes de tudo, espaços de memória que têm a função social de pensar o futuro. A preservação e a conservação do patrimônio estão intimamente ligadas à possibilidade de disponibilizar, no presente, dos elementos da cultura legados do passado e produzidos no presente às gerações futuras e que, de certa maneira, representam às expectativas de sujeitos sociais. Minha colaboração para o debate busca provocar alguns interdiscursos possíveis entre as diferentes dimensões expressas por duas instituições de memória: a escola e o museu. O questionamento proposto parte da tensão entre

essas instituições no processo de escolarização e de musealização do patrimônio. O entrelaçamento entre as duas identidades, individual e coletiva, promove construções de narrativas expositivas definidas por procedimentos museográficos. Temos, nesse momento, o colecionador e o visitante em um espaço contíguo de encontro de sujeitos pertencentes a espaços e tempos distintos. Em minha recente pesquisa sobre a origem dos museus da cidade de Belo Horizonte, observamos no processo de distinção desses espaços de memória, a promoção do diálogo desses diferentes sujeitos. A escolarização pára o tempo presente e a musealização acelera o tempo passado, ambos para preparar um tempo futuro. Paulatinamente, na história da cidade, assistimos à descentralização da escola e a centralização dos espaços de memória. Este processo de ocupação dos “velhos” centros urbanos como espaços de cultura não é uma particularidade da capital mineira, porém podemos discutir as implicações de tal modelo de ocupação de território. Nossos museus têm a cara do passado? Eles precisam ocupar o espaço revoluto da memória? Os discursos expográfico são dirigidos ao sujeito de que tempo? Destacaremos alguns diálogos estabelecidos entre os diferentes do discurso expográfico tomando como exemplo, narrativas expositivas em museus de história, ciências e artes. Nosso objetivo é discutir as diversas tramas temporais expressas nessas narrativas e seu entrelaçamento com sujeitos sociais pertencentes a tempos sócio-históricos diferentes. O foco do debate é a função de produção de significado e de fruição cultural que as atividades educativas podem produzir nas instituições patrimoniais ao promover o encontro entre as ciências e a educação e entre sujeitos de espaços e tempos diferenciados.

Museus virtuais: plasticidade e versatilidade para a pedagogia universitária

William B. Gomes

Instituto de Psicologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A presente exposição sintetiza o conceito de museu na expressão midiática da visualização da idéia. O objetivo é mostrar a essencialidade do museu virtual na renovação pedagógica do ensino universitário, como recurso de consulta, exercício e aulas. O conceito de museu, que na origem grega significava “templo das musas,” está sendo redescoberto e redimensionado com o advento do espaço cibernético. Assim, nunca a vocação grega de museu, como centro de estudo das ciências e das artes foi tão forte, explícita e atual. A idéia de museu como centro colecionador ocorreu no século XVI nas cortes renascentistas italianas, alcançando à universidade na Grã-Bretanha com o Ashmolean Museum em Oxford, e abrindo-se ao grande público no Louvre de Paris com a revolução francesa. A preocupação com a preservação de diferentes tipos de materiais e artefatos acompanha a humanidade através dos tempos, sendo o museu a instituição que cataloga, expõe e demonstra. A novidade do museu frente à escola e ao laboratório é, sobretudo, a divulgação pelo visual. O museu visualiza a idéia. Neste sentido, o espaço cibernético é o ápice conceitual e vocacional do museu. O virtual substitui o real, mas preserva o efeito. A idéia visualizada surge articulada ao som e ao movimento. Esse museu versátil não espera o público. Vai até ele, respeitando o espaço e o tempo de cada um na

mediática presença da Internet. O acúmulo de materiais e as grandes coleções de arte reunidas por museus até o século XIX inspiraram a outra atribuição grega ao conceito: os museus como estudo da ciência e da tecnologia. A característica de preservação associou o museu ao velho, ao histórico, e ao curioso. Mas museus partem do velho para desvendar o novo. Neste sentido, os museus sobre história das ciências desempenham importante papel na formação e compreensão da atividade científica, no retrospecto das conquistas tecnológicas, e na indicação das possibilidades e das soluções para o futuro. Do mesmo modo que os museus tradicionais, os museus virtuais estão dispostos em diferentes salas, promovendo as mais variadas atividades. Entre elas, a discussão e a simulação de soluções para os problemas que nos ameaçam como a escassez da água, a ruptura da camada de ozônio, ou desflorestamento da Amazônia. Os museus virtuais apresentam-se como recurso fundamental para a prática pedagógica universitária. A universidade sempre se defrontou com o desafio de preservar o velho sem se tornar velha, e de incrementar o novo sem se descaracterizar. É irônico que o grande centro de renovação de idéias e técnicas, de práticas e de artes sobreviva ao ardid equilíbrio de ser jovem sem perder a maturidade, de ser ágil sem perder a seriedade, de ser profunda sem encobrir o tempo, de ser avançada sem esconder os segredos. Nos tempos cibernéticos não é mais concebível um ensino universitário oralista, bancário, burocrático e bolorento, como se o tempo não tivesse passado e a tecnologia permanecesse em um horizonte distante. O museu virtual é fruto de um fazer científico nem sempre compreendido e muitas vezes atacado equivocadamente. A tecnologia está aí, o museu virtual é parte dessa tecnologia e da ciência que o produziu, agora

desafia nossos modos de organização e de produção. O museu virtual em sua plasticidade e versatilidade pedagógica é um convite a mudanças educacionais que certamente desejamos, mas que ainda temos medo de começar. Eis que nasce nas salas cibernéticas uma nova universidade, um outro ambiente de leituras, exposições, aulas, laboratórios, experimentos, e história. O termo virtual traz vários sentidos que numa leitura linear descreve uma potência que pode vir a ser possível, sendo suscetível de exercício e passível de simulação. A grande revolução do termo ocorreu por volta dos anos 1970, quando por anglicanismo passou a referir ao que é quase completo ou praticamente total. Essa é, sem dúvida, a característica do museu virtual. Ao injetar plasticidade e versatilidade na pedagogia, apresenta-se como um recurso quase completo ou praticamente total. CNPq

Palavras chaves: museu virtual, pedagogia universitária, história da ciência, tecnologia, internet.

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

TEMA 1

DOCUMENTAÇÃO E FONTES EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Fontes para a historiografia das relações entre Psicologia, Educação e Direito: o caso da Faculdade de Direito da UFMG

Érika Lourenço

Universidade Federal de Ouro Preto

Em seu desenvolvimento no Brasil, a Psicologia contou com a participação de profissionais de diferentes áreas, dentre as quais, a Medicina, a Administração, a Educação e o Direito. Esses profissionais teriam sido responsáveis pela expansão do campo da Psicologia no Brasil a partir de sua aplicação em campos diversificados, das pesquisas que realizaram e das atividades de ensino em que se engajaram. Embora na bibliografia disponível sobre a história da Psicologia no Brasil haja variadas referências à contribuição dos juristas para a constituição da Psicologia brasileira, poucos autores fizeram um estudo mais aprofundado do assunto. Merece destaque o fato de que esses autores apontaram os primeiros Cursos de Direito criados no Brasil ao longo do século XIX como ambientes privilegiados para as discussões de temas referentes à Psicologia. Essas discussões teriam se dado em algumas áreas específicas dos cursos de Direito, como Criminologia, Direito Penal, Higiene Pública e Medicina Legal. Estariam ligadas, assim, às teorizações a respeito do comportamento criminoso e às medidas educativas e reeducativas para a profilaxia do crime, revelando uma forte relação entre Psicologia, Educação e Direito. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar possíveis fontes para a reconstrução da história das relações entre Psicologia, Educação e Direito, considerando o caso da Faculdade de Direito da Universidade

Federal de Minas Gerais - UFMG. A Faculdade de Direito da UFMG foi criada como Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Estado de Minas Gerais no ano de 1892, em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais. Em 1898 foi transferida para a nova capital, Belo Horizonte, tendo passado a integrar a Universidade de Minas Gerais em 1927, quando de sua criação. Tornou-se Faculdade de Direito da UFMG em 1949, quando a Universidade de Minas Gerais foi federalizada. A Faculdade de Direito da UFMG apresenta uma diversidade de fontes que permitem a reconstrução histórica das relações entre Psicologia, Educação e Direito ao longo dos mais de cem anos de existência do seu Curso. A Secretaria do Colegiado de Graduação, por exemplo, guarda os programas de ensino das disciplinas, programas estes que contém as unidades de ensino previstas e, em alguns casos, as bibliografias indicadas pelos professores. A biblioteca da Faculdade de Direito, por sua vez, apresenta um Setor de Obras Raras e Memorial, que mantém obras publicadas até o ano de 1920; um acervo com mais de 60.000 livros das áreas do Direito, da Filosofia, da Economia e da Educação, para empréstimo; além de um setor de periódicos com mais de 1000 títulos. Particularmente interessante para o objetivo deste trabalho é a Revista da Faculdade de Direito da UFMG, presente no setor de periódicos. Publicada desde 1894, embora com algumas interrupções, permite traçar a “evolução” dos discursos dos professores da Faculdade sobre os determinantes do comportamento criminoso ao longo do século XX. Revela como esse discurso, a partir do final da década de 1950, transformou-se de predominantemente organicista, para um discurso que cada vez mais considerava o papel da educação como meio de prevenção do comportamento criminoso.

As fontes primárias na pesquisa história: um estudo do conceito de *interesse* na obra de Edouard Claparède (1873-1940)

Lílian Erichsen Nassif

LAPED – Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff /Grupo de Pesquisa em História da Psicologia e Contexto sócio-cultural

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

O objetivo desse trabalho científico foi de compreender o conceito de *interesse* na obra de Édouard Claparède (1873-1940), partindo da hipótese de que o conceito de *interesse* pudesse nos conduzir à forma como esse autor compreendia as relações entre emoção / afetividade e cognição. Tivemos o propósito de mostrar que a preocupação em se estudar essas relações não é atual como nos é apresentado, muitas vezes (DAMÁSIO, 1996, 2000; KANDEL, SCHWARTZ, JESSEL, 2000; LEWIS, 2005). Acreditando então que o conceito de *interesse* interposto entre a emoção e a cognição não é algo inédito, tivemos também o objetivo de traçar a genealogia do conceito de *interesse* em Claparède, ou seja, de apontarmos quais foram as fontes teóricas que ele utilizou para construí-lo. A partir das próprias indicações de Claparède identificamos outros teóricos que também se preocuparam com o tema *interesse*, cognição e emoção / afetividade ao longo da história da psicologia e da história da psicologia da educação. Trata-se de um estudo histórico e, portanto, a abordagem metodológica principal utilizada foi a Historiografia Internalista ou História Conceitual, a qual

focaliza a lógica interna da produção intelectual, analisando a evolução científica dos autores ou a lógica que determina a produção de conceitos relevantes. Para isso, recorreremos às fontes teóricas primárias relativas ao tema, examinando-as através do recurso metodológico da análise de conteúdo. É importante esclarecer que a contribuição mais expressiva de Claparède encontra-se nos livros, os quais sintetizam os resultados de suas pesquisas, associados à discussão de resultados obtidos por outros autores e a longos comentários sobre a evolução da psicologia científica e suas relações com as ciências da educação. Para este trabalho, então, foram utilizados como fontes os livros principais: *Psicologia da criança e pedagogia experimental*, *A escola e a psicologia experimental*, *A escola sob medida*, *Como diagnosticar las aptitudes en los escolares*, *A educação funcional*, *La genèse de l'hypothèse: étude expérimentale* e *Invenção dirigida: o mecanismo psicológico da invenção*. Além desses sete livros, foram utilizados mais vinte e dois artigos e um livro de Claparède, *Morale et Politique. Les vacances de la probité*, publicado em 1940 e um livro de Carlo Trombetta que contém originais dos manuscritos de Claparède. *Psicologia dell'interesse*, publicado por Carlo Trombetta e o livro, logo após sua morte. Optamos por analisar todos os artigos do autor que pudemos encontrar, ressaltando-se aqui a dificuldade do acesso às fontes primárias, que são mais facilmente localizadas em Genebra. Com isso, tivemos uma amostra dos seus trabalhos compreendidos entre os anos de 1904 a 1940.

Psicologia como patrimônio histórico-cultural: Espaço Aion Psi
Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília

Pensar a Psicologia como um campo de conhecimento que vem se constituindo ao longo da história da cultura ocidental, significa pensá-la em sua complexidade e dinamicidade e relacioná-la com a vida social, no mundo contemporâneo. Nesse sentido, é essencial que ela seja considerada em suas articulações com outras saberes, especialmente as ciências humanas, e que seja enraizada nas instituições e movimentos sociais que, além de a reconhecerem, exigem que ela se contextualize, possibilitando que, em sua práxis, ela dialogue com as condições objetivas vividas por pessoas em suas experiências concretas. A proposta de pensar a preservação do patrimônio cultural e científico criando museus e centros de documentação, permite o resgate de produções teóricas e práticas historicamente construídas em nosso país para disponibilizá-lo para profissionais e estudiosos da Psicologia. Como professora de Psicologia, tenho me dedicado a implementar a relação teórico-prática da Psicologia com a Filosofia e a Educação. Motivada pela questão: Por que há tantos museus de Ciências Físicas e Naturais e não de Ciências Humanas? – criei e coordeno um Projeto de Extensão Continuada, o *Espaço Aion: Espaço de reflexão, práticas e divulgação em Filosofia, Artes e Humanidades*. Trata-se de um projeto interdisciplinar, envolvendo professores e alunos de Psicologia,

Pedagogia e Filosofia, em seu núcleo básico, e professores e alunos convidados das áreas de Artes, Literatura, História, Antropologia e Sociologia. A proposta do projeto é trabalhar com grupos de estudantes universitários, professores de escola pública, comunidades carentes, ou grupos multietários ligados a questões como: gênero, educação de pessoas com necessidades especiais, direitos humanos, luta antimanicomial, direito e educação na infância. Os temas mais comuns têm sido: amor; amizade; liberdade; felicidade; igualdade; beleza; bondade; verdade; loucura; educação; escola; família; relação ser humano/animais; relação ser humano/planeta; relação adulto/criança; a questão do idoso. O tema é escolhido depois de uma reflexão sobre um texto, filme, quadro, peça de teatro, jogo, etc. – um pré-texto, ou pretexto, como chamamos esse texto motivador. A partir da escolha do tema, coordenamos uma reflexão conjunta sobre o assunto, escolhendo perguntas que orientem nossa discussão. Assim, as pessoas trazem para a roda, ou comunidade de investigação, elementos de sua experiência cotidiana, áreas de estudo e pesquisa, e cuidamos para garantir uma reflexão filosófica, que problematize conceitos e costumes cristalizados, valores naturalizados e noções assumidas sem reflexão. O objetivo é refletirmos sobre as perguntas que elegemos, elaborando respostas, problematizando-as, gerando novas perguntas, mais articuladas e conscientes que as primeiras. Não se espera que sejam dadas respostas definitivas, mas que as reflexões sejam pensamentos assumidos provisoriamente, de modo a não se interromper a reflexão, que passa a ser uma experiência crítica e criativa de pensamento, tanto para o grupo, que pode continuar se encontrando, como para cada pessoa, em sua vida pessoal e profissional. Neste artigo, propomos o

Espaço *Aion-Psi* um museu vivo, ou um espaço/tempo de construção coletiva, que trabalharia a divulgação de concepções teóricas e de práticas das diversas áreas da Psicologia, mas que se constituiria, especialmente, num espaço dinâmico de educação criativa e crítica.

Reconstruindo histórias institucionais – As dificuldades em relação a acervos e fontes orais

Lucila Lima da Silva

Andressa Siqueira Gonzaga

Ana Maria Jacó Vilela

Daiane de Souza Mello

Programa Clio-Pysché

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho visa investigar o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental – SOHM (1934-1939), que se desdobra no Serviço de Ortofrenia e Psicologia – SOP (1940-19??), enfocando especificamente a atuação feminina nesses locais, tendo em vista seu papel no processo de autonomização e consolidação da Psicologia no Brasil. Contudo, verifica-se uma relação díspare entre a relevância das mulheres para a Psicologia e seu reconhecimento por parte do universo acadêmico e profissional. Acreditamos que isto se deve ao contexto sócio-cultural da época, que destinava à mulher um papel secundário nas atividades consideradas possíveis a ambos os sexos. Por este motivo, figuras femininas que tiveram significativas contribuições caíram no ostracismo, sendo pouco citadas na literatura psicológica. Surgiu assim a necessidade de resgatar a memória destas mulheres, apontando suas presenças em campos de formação, pesquisa e atuação profissional nas diversas áreas da Psicologia. Nossa pesquisa iniciou-se com extrema dificuldade, devido à escassa literatura a respeito do SOHM, resultado de seu curto período de existência. Entretanto, ao recorrermos à Base

Minerva – Sistema de Documentação eletrônico da Universidade Federal do Rio de Janeiro – encontramos alguns materiais que, embora poucos, foram úteis por nos fornecerem pistas iniciais. Obtivemos duas dissertações, uma abordando o funcionamento do SOHM, enquanto outra tratava exclusivamente do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), ao qual estava subordinado o SOHM. Vimos então que uma reformulação do IPE levou à criação do SOP, que se constituiu para nós em novo objeto de pesquisa. Nas dissertações citadas, encontramos possíveis fontes para a continuidade de nossa investigação, como os periódicos Boletim de Educação Pública, Arquivos de Medicina Legal e Identificação e Arquivos Brasileiros de Higiene Mental do Rio de Janeiro. Também utilizamos um segundo acervo eletrônico, a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-PSI), através do qual localizamos alguns artigos que nos auxiliaram na contextualização dos referidos Serviços. Algumas informações coletadas geram ainda dúvidas, como, por exemplo, a continuidade entre o SOHM e o SOP, e a data de fechamento do segundo. Porém, ao recorrermos a fontes orais, estas indicaram que houve continuidade entre as duas instituições, não tendo ocorrido um encerramento das atividades do SOP, mas, sim, uma decadência gradual do serviço. Observamos também a crescente valorização das mulheres após a transformação do SOHM em SOP, pois ocuparam papéis de destaque na instituição. Durante nosso percurso, percebemos um contraste entre a investigação com o material eletrônico e o material impresso. Apesar da ascendente valorização da digitalização de acervos, muitas vezes apenas documentos mais recentes são encontrados, levando-nos a recorrer a antigos materiais impressos. Estes, por sua vez, sofrem com o problema da cultura brasileira de distanciamento da

história, existindo poucos lugares dedicados ao resgate, arquivamento e conservação de documentos. Tal descuido com o material que conta a história e a trajetória do país e das instituições que fizeram parte de sua construção dificulta o trabalho de pesquisa, ultrapassando a área de História. Faz-se necessário, portanto, uma reflexão conjunta acerca da reorganização do processo de preservação de documentos a fim de que estes não se percam nos desvãos da história.

A “embriologia” dos arquivos

– O problema da expressão e da narrativa oral a partir de uma perspectiva deleuziana

Marcio José de Araujo Costa

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho apresenta o resultado de parte da pesquisa de Mestrado em Psicologia Social na UERJ, cujo tema é a análise do processo de subjetivação em seminários católicos. Pesquisei durante um ano e meio um seminário diocesano, realizando dezenas de visitas de observação participante e algumas entrevistas abertas de história de vida, inspiradas na História Oral, com seminaristas e padres formadores. Uma dificuldade encontrada ao fazer as entrevistas e, depois, ao analisá-las foi como evitar dois riscos: o de reduzi-las a meros exemplos confirmatórios de hipóteses prévias a validar; o de fazer delas depoimentos tão absolutamente singulares que não possuiriam qualquer relevância em outros contextos. Uma outra questão foi pensar as entrevistas a partir de minha perspectiva teórica, a Esquizoanálise de Deleuze e Guattari, na qual os sujeitos são sempre produzidos por agenciamentos sociais. Nestes se reúnem formas de visibilidade, regimes de signos, relações de poder que regulam os corpos, além de processos de fixação em territórios e processos de desterritorialização. Os agenciamentos sociais, em suas especificidades e com esses componentes, constituem sujeitos. Desse modo, busquei, ao longo das entrevistas – momento em que essa

percepção e teorização foi amadurecendo aos poucos –, o aspecto expressivo, e não o significativo. A expressão é algo que os corpos produzem em interação uns com os outros, possibilitando a linguagem, pois apontam/criam acontecimentos. Os acontecimentos – como sentar, andar, falar, enraivecer – são incorporais, mas se encarnam nos corpos, transformando-os. A linguagem, assim, pode marcar alguém por ser derivada do aspecto expressivo dos corpos. Nessa perspectiva, nas entrevistas, buscou-se cartografar os processos de subjetivação, isto é, seguir os dinamismos que fizeram com que certos acontecimentos se atualizassem no corpo dos depoentes. Esses dinamismos, os acontecimentos que se desdobram num nível ainda puramente intensivo e virtual, esboçam subjetividades “larvares” ou “embrionárias”. Um arquivo, isto é, um determinado regime de signos, cria formas de enunciação, objetos do enunciado, conceitos e significações, bem como estratégias na utilização do discurso. Um arquivo, o saber, é um agenciamento coletivo de enunciação e, segundo Deleuze e Guattari, o verdadeiro sujeito do enunciado, com seus acontecimentos virtuais e subjetividades embrionárias que podem ou não se encarnar em tipos psicossociais, criando-os em conexão com o poder (agenciamento maquínico dos corpos). Na entrevista, os sujeitos “larvares”, “embrionários”, aparecem. Cabe a nós evidenciar quando, como, com quem, de que maneira, esses sujeitos efetuam-se em instituições, marcados, por sua vez, por outros acontecimentos. Existe um sujeito “larvar” seminarista. Ele está sempre se efetuando e reforçando-se nas efetuações concretas. Encontraremos menos a subjetividade seminarística no seminarista e mais no seminário, na medida em que é uma grande máquina abstrata de efetuação de subjetividades clericais. A

entrevista nos permite, dessa maneira, cartografar os momentos onde se deu a efetuação desses acontecimentos no corpo do depoente e o processo de subjetivação correspondente.

Nos porões da loucura: histórias do esquecimento

Maria Stella Brandão Goulart

Laboratório de Psicologia Social e Direitos Humanos – LADHU

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte – Campus Coração Eucarístico

Este artigo enfoca o processo de esquecimento desencadeado pelo descaso com a documentação histórica nos hospitais psiquiátricos públicos mineiros. São reflexões desenvolvidas a partir, em especial, do desenvolvimento de pesquisas históricas que se apoiaram em documentos do acervo desses hospitais, financiadas pela FAPEMIG e pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC MINAS. Elas foram desenvolvidas pelo Grupo de Psicologia Democrática (CNPq) e enfocaram a história da reforma da política de saúde mental em Minas Gerais. Tomaram a cidade de Belo Horizonte como principal referência neste processo tão significativo no contexto das políticas públicas e das instituições “psi”. Essas pesquisas procuraram resgatar, apoiadas no referencial da análise institucional, iniciativas Instituintes, que tinham a perspectiva de afrontar o nefasto cenário assistencial que precedeu a eclosão dos movimentos críticos de desinstitucionalização e que perseverou ainda, apesar deles. Duas dessas pesquisas, já concluídas em 2007, trabalharam as reverberações do processo de reforma do modelo assistencial mineiro no Hospital Raul Soares ao longo das décadas de 60, 70 e 80. Outra, em andamento, aborda o Hospital Galba Velloso, procurando resgatar informações sobre a experiência com o modelo de *comunidade terapêutica* que, segundo consta, ali se

desenvolveu ao longo dos anos 60. Na construção das informações relativas a essas incursões históricas, defrontamo-nos com uma situação de degradação e dispersão de documentos que faz pensar no descaso e abandono dos quais foi alvo a população de internos desses hospitais, ao longo de décadas. A situação projeta-nos em mecanismos de esquecimento que incidem tanto sobre a prática de exclusão e quanto sobre os esforços de superação desencadeados pelos profissionais de saúde mental e pelos gestores públicos durante a construção da primeira fase da reforma mineira. Confrontamo-nos, ao realizar essas pesquisas, com a necessidade de um esforço metodológico adicional e inesperado que implicava na luta pela memória de processos, sujeitos e concepções que vai sendo condenada ao esquecimento em nome da valorização dos formatos bem sucedidos e vinculáveis ao discurso oficial (institucional/instituído). Os sombrios porões da loucura (metáfora que iluminou o discurso crítico de toda uma geração) insistem em políticas de descarte irresponsável e anônimo; ou no acúmulo da poeira e das sombras sobre o registro de uma história que não se pode nem deve negar.

Saberes psicológicos em impressos do século XIX: objetos e fontes para a história da psicologia da educação no Brasil

Daiane Marques Silva

Juliana Silva Vieira

Juliana Souza Martins

Raquel Martins de Assis

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais

Diversos autores atribuem grande valor aos jornais e periódicos como fontes para pesquisas sobre o século XIX, por serem eles considerados importantes para a instrução e educação da sociedade, bem como para a divulgação e vulgarização do imaginário científico da época. Esta pesquisa teve por objetivo realizar o levantamento de saberes psicológicos divulgados em jornais e periódicos mineiros do século XIX, com a finalidade de estabelecer qual a contribuição destas fontes para a história dos saberes psicológicos e história da psicologia da educação em Minas Gerais. Além disso, pretendeu-se também investigar possíveis relações entre a psicologia filosófica divulgada na época e os conceitos de natureza humana subjacentes às discussões sobre educação existentes nesses impressos. Para levantar tais saberes, até o presente momento, foram catalogadas 40 fontes publicadas entre 1830 e 1890, disponíveis no acervo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e na Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro. Utilizou-se uma ficha de catalogação composta por onze itens cujo objetivo foi possibilitar uma primeira aproximação das fontes a fim de averiguar a presença de temas relativos aos saberes psicológicos e aos

conceitos de natureza humana encontrados nos periódicos. Os temas listados a partir do preenchimento das fichas de catalogação até agora realizadas foram reunidos em cinco categorias de análise: 1) higiene e educação moral; 2) família, com a sub-categoria mulher/mãe de família; 3) criança/infância; 4) faculdades da alma e psicologia filosófica; 5) livros, leitura e teoria dos filósofos. Na categoria higiene e educação moral, encontramos textos que estabelecem relações entre educação e desenvolvimento moral. Com a aproximação do fim do século, começam a aparecer fragmentos sobre higiene. A categoria família é composta por fragmentos que têm como tema as relações familiares e a discussão sobre a função materna e paterna. Na categoria criança/infância são tratados temas relativos ao conceito de criança e infância e possíveis noções de desenvolvimento. A categoria faculdades da alma e psicologia filosófica compreende discussões sobre as teorias filosóficas da época e sobre virtudes e formação da pessoa, bem como a descrição da organização e funcionamento das faculdades da alma. Pela categoria leitura, livros e teoria dos filósofos é possível verificar as informações sobre as teorias filosóficas adotadas na época e sobre a importância que se dava à leitura como formadora do caráter humano. Embora esta pesquisa ainda esteja em andamento, os dados já disponíveis revelam uma riqueza de temas, presentes nos jornais mineiros do século XIX, que podem ser de grande interesse para o estudo da história dos saberes psicológicos no Brasil. Assim, vemos emergir dos impressos diversos assuntos presentes nos campos de investigação da psicologia contemporânea como as relações de gênero, família, infância e desenvolvimento infantil, entre outros.

O desafio do oral: as dificuldades com que as entrevistas nos defrontam

Fernanda Alcantara de Oliveira

Amanda dos Santos Gonçalves

Daniel Maribondo Barboza

Vanessa Menezes de Andrade

Allan César Procópio Belém

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Iniciamos nossa pesquisa com o intuito de conhecer os caminhos percorridos pela Análise Institucional (A.I) no Brasil, visto o empobrecimento até então vigente, quanto à história de tal paradigma, em decorrência da acrítica junção do mesmo com a Psicanálise. Para modificar este cenário, buscamos fontes escritas e orais alternativas às tradicionalmente utilizadas, visando, no segundo caso, a apreender meandros históricos através dos próprios atores. Atualmente, nossos estudos se voltam para a trajetória da A.I. em São Paulo, entendendo que, nessa cidade, a difusão do paradigma está fortemente ligada ao processo de reforma psiquiátrica. Sendo assim, procuramos personagens vinculados à implementação deste processo. Um deles foi o arquiteto Luiz Antonio Fuganti, que ministrou aulas para um grupo de

profissionais de saúde mental que, posteriormente, viria a participar da intervenção na Casa de Saúde Anchieta, em Santos, situação ímpar da Reforma Psiquiátrica. A posterior escuta dessa entrevista desencadeou diversas questões que nos estimularam a escrever este trabalho: algumas referentes à própria Análise Institucional, outras sobre a Reforma Psiquiátrica e ainda outras de cunho epistemológico. Com tantas informações, nós, que ouvíamos a entrevista, sentíamos a necessidade de anotar algumas idéias; outras vezes ainda, de transcrever passagens que acreditávamos importantes. Porém, como diretriz geral de nosso trabalho de pesquisa, consideramos a transcrição, a mera transformação do oral em escrito, uma forma equivocada de trabalhar com as fontes orais. Julgamos bem mais interessante, acompanhando as perspectivas de Alessandro Portelli e Alistair Thomson, buscar na própria oralidade, na relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado e na forma de composição das memórias, formas singulares de investigação. No entanto, nesta situação, não confiamos à nossa memória as memórias do entrevistado. Desejávamos registrar a fala na forma como foi enunciada, ou melhor, na forma como foi apreendida no encontro entre entrevistador e entrevistado. Entre uma anotação e outra, discutíamos os pontos mais relevantes e criávamos conceitos e hipóteses, dando vida ao que, supostamente, estava cristalizado na gravação. Esse modo de pensar,

impulsionado pelas memórias de Fuganti, multiplicou-se quando levamos as questões surgidas ao ouvirmos a gravação para a nossa reunião de pesquisa, onde todo o grupo envolveu-se com as problematizações levantadas. Indagamos agora, portanto: em qual das situações - discussão através das questões suscitadas pela entrevista ou anotação/transcrição de falas – a fonte oral foi melhor aproveitada? Provavelmente não há uma resposta maniqueísta, tipo “certo” ou “errado”, mas um desdobramento processual, com usos diferentes do material trazendo formas de análise diversas, de acordo com as perguntas feitas. Não tentamos manter a fonte “in natura” quando optamos por não transcrevê-la, até mesmo porque isso não é possível - dadas as inúmeras interferências que a realização da entrevista acarreta -, mas sim buscar no oral suas nuances e riquezas, que são o diferencial. Logo, podemos pensar as memórias registradas na entrevista como um dispositivo para a criação da história, para a invenção do passado. No encontro do devir historiador com o devir memória, produz-se algo novo: uma história singular.

Por uma história oral do tempo presente como uma genealogia

Kátia Botelho Diamico Praça

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

No presente trabalho, propomos uma reflexão de como uma história oral do tempo presente, pode ser provocadora de “acontecimentalizações”, no sentido que Michel Foucault dá a este termo. Para tal, inicialmente, apoiados nas idéias de Alessandro Portelli, realizamos um recorte de aspectos que consideramos mais pertinentes sobre a história oral, a saber: subjetividade, memória, relacionamento entre entrevistador e entrevistado e o político. Importa ressaltarmos que, ao reconhecer que as massas e as classes são constituídas de pessoas diferentes entre si, a prática da história oral tal como é pensada aqui, é produtora de diferença, prática antagonista e contestadora. Pensar em uma história oral de um objeto presente na atualidade, nos leva por conseguinte, a aspectos que consideramos relevantes fornecidos por Roger Chartier sobre a história do tempo presente, quando mostra que o objeto fundamental de uma história – onde importa reconhecer a forma como os protagonistas investem de sentido suas práticas e discursos – reside na tensão existente entre o poder de invenção dos indivíduos e os constrangimentos, normas e convenções que limitam o que é possível pensar, contar ou fazer. Encontramos assim, a possibilidade de pensar em uma pesquisa histórica como lugar privilegiado de experimentações, passível de invenção de pensamentos, enunciados e fazeres e de

“acontecimentalização”. O conceito de “acontecimentalização” em Foucault aponta para uma “ruptura absolutamente evidente”. Trata-se da emergência de algo que rompe com a busca daquilo que se julga ser uma evidência generalizante, ou seja, é a possibilidade de se forjar uma singularidade. Ruptura das evidências que temos acerca de nossos saberes e práticas. Indica também o reencontro com conexões, apoios, encontros, bloqueios, jogos de força, que formaram aquilo que funcionará como evidência. Este processo é chamado de desmultiplicação causal, isto é, uma análise do acontecimento a partir dos múltiplos processos que o constituem, como uma decomposição. Este procedimento no dizer de Foucault implica, portanto um polimorfismo crescente. Foucault ainda esclarece sobre os sentidos do “acontecimentalizar” enquanto possibilidade de se *escamar* algumas evidências sobre a loucura, a normalidade, a doença, a delinqüência e a punição, de forma que certas falas não possam mais tão facilmente serem enunciadas ou que para certos atos, surja alguma hesitação. Importa a tentativa de engendrar mudanças em modos de perceber e maneiras de fazer, deslocando formas de sensibilidade. Encontramos então, na perspectiva foucaultiana, condições férteis para a constituição de uma história oral do tempo presente como uma genealogia. Pois, podemos dizer que, desde uma dimensão ética e política da história oral vista como história da diferença, de “vozes não ouvidas” (como nos fala Portelli), o que está em questão é a crítica à desqualificação de saberes dominados. Consideramos, portanto, que a história oral, pensada aqui como história do tempo presente, pode ser via privilegiada de “acontecimentalizações”, um terreno propício à produção de rupturas capazes de delinear novas configurações em nossas formas de pensar e

de viver, desmontando certas evidências, que caso perpetuadas, acenam para o risco de esmagamento de nosso poder de resistência a certos poderes instituídos.

Uma domesticação do pensamento selvagem?

- Acerca da singularidade dos acervos orais

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Daniel Maribondo Barboza

Allan César Procópio Belém

Fernanda Alcântara de Oliveira

Amanda dos Santos Gonçalves

Vanessa Menezes de Andrade

Programa Clío-Psyché, Departamento de Psicologia Social e Institucional

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho aprecia inicialmente os primórdios do moderno movimento da História Oral, ligado ao nome de Allan Nevins que, após a Segunda Guerra Mundial, passou a gravar depoimentos de personagens julgados significativos nos planos econômico, cultural e político do contexto norte-americano. “Grandes” deveriam ser, ao ver de Nevins, não somente os vultos entrevistados, mas igualmente os programas a partir dos quais os relatos seriam coletados e os acervos em que ficariam depositados para futura consulta por parte dos historiadores. A despeito de algumas dificuldades iniciais, os projetos de Nevins se concretizaram através da criação do *Oral History Office* da Universidade de Columbia. Porém, ao longo do processo, uma batalha de posições se estabeleceu em torno da seguinte pergunta: deveriam os acervos ser compostos pelas gravações ou pelas transcrições das entrevistas? Conforme declara Louis Starr, um dos primeiros presidentes da

American Oral History Association, a disputa 'fita versus transcrição' foi, sem grande demora, vencida pela segunda posição: os historiadores, em geral pesquisadores universitários, por razões de praticidade, preferiam lidar com textos paginados e dotados de índices de orientação, a escutar entrevistas quase sempre longas, que os obrigariam a esforços mais matizados de citação e referência. A vitória das 'letras' foi tão contundente que o programa de Columbia chegou mesmo a destruir as gravações, contentando-se em arquivar as transcrições das entrevistas realizadas. Embora tal procedimento tenha sido eventualmente contestado pelos historiadores militantes dos anos 60 e 70, interessados nas modulações da 'voz dos vencidos', somente com o advento do chamado movimento crítico em História Oral os procedimentos de substituição da fita pela transcrição foram foco de objeções simultaneamente consistentes e contundentes. Dentre os críticos mais radicais da passagem *from tape to type* encontra-se Alessandro Portelli, que, em um famoso artigo (*On the peculiarities of Oral History*, 1981), comparou o procedimento à destruição de obras por regimes autoritários, reafirmando enfaticamente o que deveria ser uma obviedade: a primeira peculiaridade das fontes orais é serem...orais! Conquanto Portelli, em diversos artigos posteriores, continuasse a levantar questões de cunho ético-político sobre a oralidade, a primeira encomenda explícita que recebeu para falar sobre o tema partiu do Brasil, em um evento realizado em 1995. A participação do historiador oral italiano nesse evento recebeu o título "Tentando aprender um pouquinho" e contém uma série de problematizações analíticas relativas à obtenção, preservação, consulta e utilização de depoimentos gravados. É justamente sobre tais problematizações que o presente trabalho se propõe a discorrer, no

intuito de diferenciar a prática de constituição de acervos orais de uma simples resolução de questões técnicas, financeiras, administrativas e/ou jurídicas. Trata-se, ao contrário, de uma indagação de ordem ético-estético-política, em relação à qual as contribuições de Portelli nos fazem refletir de forma original, potente e crítica, evitando que a constituição de acervos orais venha a redundar em uma “domesticação do pensamento selvagem” - título do livro do antropólogo Jack Goody que analisa as conseqüências epistemológicas, sociais e subjetivas da passagem do predomínio da oralidade ao predomínio da escritura.

Revendo o sentido de representatividade e reflexividade

- A história oral como intercessor

Marcio José de Araujo Costa

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O conceito de intercessor, forjado por Gilles Deleuze, nos serve de guia no presente trabalho, que tem por objetivo estabelecer notas distintas, e geralmente pouco enfatizadas, da prática da História Oral, capazes de pôr em questão exigências consideradas praticamente inquestionáveis nas Ciências Sociais (e na História Social que as tem por fundamento). O termo *intercessor*, de estranha grafia, não deve ser confundido com qualquer *interseção* matemática que o aparentaria a sínteses, conciliações ou coincidências parciais. Se a algo se pode remeter o termo, é ao verbo *interceptar*, com as conotações de encontro, deriva ou desvio que este comporta. Julgamos possível aproximar tal sentido da perspectiva de Alessandro Portelli, notadamente quando este afirma que as peculiaridades da história oral a põem em curiosas interferências, comunicações e confrontos com a história em geral (quanto à fidedignidade), a literatura (quanto à forma) e as ciências sociais (quanto à representatividade). As duas primeiras *intercessões* são exploradas por Portelli em seu mais famoso trabalho, *On the peculiarities of oral history* (1981), e nelas não nos detemos particularmente. Optamos por explorar o conteúdo dos artigos *Philosophy and the facts. Subjectivity and narrative form in autobiography and oral history* (1993) e *Oral history*

as *genre* (1994). No primeiro deles, uma das peculiaridades da história oral, a *parcialidade*, é posta em confronto com uma das exigências-mestras das ciências sociais, a *representatividade*. Sendo cada novo depoimento oral, ao ver de Portelli, capaz de modificar significativamente as conclusões de uma investigação, não se correria o risco de menosprezar a busca de tendências ou regularidades, recaindo em um vulgar fascínio pela experiência individual? E não seria este um imperdoável pecado tratando-se da ciência histórica, implicando voltar a reverenciar um dos ídolos da história positivista – o *individual* ou *psicológico* –, por mais que ele possa, agora, provir tanto das elites quanto dos silenciados? No segundo artigo aqui abordado, a relação entre entrevistador e entrevistado recebe um minucioso tratamento político-epistemológico-narrativo. Na virada dos anos 70 para os 80, os historiadores orais deixaram de ser vistos como um grupo de tolos que acreditava em vidas-histórias insignificantes, passando a ser percebidos, em uma posição epistemologicamente mais nobre, como um grupo de espertos capaz de dar conta, em termos sócio-históricos, daquilo que tolos-insignificantes pensavam ser verdadeiro. Tal passagem costuma ser atribuída à presença de uma reflexividade, por parte do historiador-cientista, que estaria ausente no depoente, movido, quanto à própria memória, por forças que desconheceria. Na medida em que Portelli destaca, como outra peculiaridade da história oral, a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, não correríamos novo risco, no caso o de recair em uma crença cega no depoente, avaliada como imperdoável populismo, característico da história oral de tipo militante? As respostas de Portelli aos riscos acima mencionados têm por base argumentos consistentes e singulares, aptos a *interceptar* as ciências sociais (bem

como a história social nelas apoiada), levando-as, desejavelmente, a rever o sentido hegemônico (e muitas vezes acrítico) atribuído à representatividade e à reflexividade.

As fontes primárias na pesquisa história: um estudo do conceito de *interesse* na obra de Edouard Claparède (1873-1940)

Lílian Erichsen Nassif

LAPED – Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff /Grupo de Pesquisa em História da Psicologia e Contexto sócio-cultural

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

O objetivo desse trabalho científico foi de compreender o conceito de *interesse* na obra de Édouard Claparède (1873-1940), partindo da hipótese de que o conceito de *interesse* pudesse nos conduzir à forma como esse autor compreendia as relações entre emoção / afetividade e cognição. Tivemos o propósito de mostrar que a preocupação em se estudar essas relações não é atual como nos é apresentado, muitas vezes (DAMÁSIO, 1996, 2000; KANDEL, SCHWARTZ, JESSEL, 2000; LEWIS, 2005). Acreditando então que o conceito de *interesse* interposto entre a emoção e a cognição não é algo inédito, tivemos também o objetivo de traçar a genealogia do conceito de *interesse* em Claparède, ou seja, de apontarmos quais foram as fontes teóricas que ele utilizou para construí-lo. A partir das próprias indicações de Claparède identificamos outros teóricos que também se preocuparam com o tema *interesse*, cognição e emoção / afetividade ao longo da história da psicologia e da história da psicologia da educação. Trata-se de um estudo histórico e, portanto, a abordagem metodológica principal utilizada foi a Historiografia Internalista ou História Conceitual, a qual

focaliza a lógica interna da produção intelectual, analisando a evolução científica dos autores ou a lógica que determina a produção de conceitos relevantes. Para isso, recorreremos às fontes teóricas primárias relativas ao tema, examinando-as através do recurso metodológico da análise de conteúdo. É importante esclarecer que a contribuição mais expressiva de Claparède encontra-se nos livros, os quais sintetizam os resultados de suas pesquisas, associados à discussão de resultados obtidos por outros autores e a longos comentários sobre a evolução da psicologia científica e suas relações com as ciências da educação. Para este trabalho, então, foram utilizados como fontes os livros principais: *Psicologia da criança e pedagogia experimental*, *A escola e a psicologia experimental*, *A escola sob medida*, *Como diagnosticar las aptitudes en los escolares*, *A educação funcional*, *La genèse de l'hypothèse: étude expérimentale* e *Invenção dirigida: o mecanismo psicológico da invenção*. Além desses sete livros, foram utilizados mais vinte e dois artigos e um livro de Claparède, *Morale et Politique. Les vancances de la probité*, publicado em 1940 e um livro de Carlo Trombetta que contém originais dos manuscritos de Claparède. *Psicologia dell'interesse*, publicado por Carlo Trombetta e o livro, logo após sua morte. Optamos por analisar todos os artigos do autor que pudemos encontrar, ressaltando-se aqui a dificuldade do acesso às fontes primárias, que são mais facilmente localizadas em Genebra. Com isso, tivemos uma amostra dos seus trabalhos compreendidos entre os anos de 1904 a 1940.

ADAV – Um patrimônio da história da educação que merece maior atenção

Cecília Andrade Antipoff

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

A proposta de se falar em patrimônio cultural e científico, trás, necessariamente, a necessidade de fazer um retorno histórico a algo que merece ser lembrado, valorizado e visto com mais atenção. Proponho, desta forma, abordar um tema que vem sendo pouco destacado na área educacional: a criança portadora de altas habilidades, enfatizando o caráter histórico da evolução do atendimento a esta criança. Ao se falar em educação de bem dotados no Estado de Minas Gerais, é inevitável citar Helena Antipoff, que foi uma das primeiras pessoas no país a se preocupar e dar atenção ao desenvolvimento de talentos no quadro geral da educação especial. “Cuidar das crianças bem dotadas é predeterminar, de certo modo, os rumos da futura sociedade...” (Antipoff, H. 1992, p.87). A partir da década de 70, com a realização do I Seminário sobre superdotados, em Brasília, Helena Antipoff teve a motivação necessária para colocar em prática um projeto voltado para a educação de talentosos: A “ADAV – Associação Milton Campos para o Desenvolvimento e Assistência de Vocações de Bem Dotados”. Trata-se de uma instituição civil de caráter não lucrativo com sede no município de Ibitiré – Fazenda do Rosário – no estado de Minas Gerais, fundada legalmente em 1973. A ADAV buscava oferecer aos jovens talentosos, ambiente físico, educativo, cultural e social, que estimulasse e propiciasse o desenvolvimento de suas personalidades, mediante

encontros semanais nos fins de semana, ou colônias de férias, nas quais eram realizadas tarefas de jardinagem, artesanato, escotismo... Para atingir esses objetivos, a ADAV contava com equipe voluntária de profissionais. Atualmente, funciona na mesma sede, mas os encontros semanais com crianças talentosas se mostram menos freqüentes. Helena Antipoff designava o talento como uma combinação do que é inato no indivíduo com aquilo que se desenvolve a partir da estimulação ambiental. Por isso acreditava na necessidade de oferecer às crianças um ambiente rico e variado para que pudessem se desenvolver plenamente. Uma de suas grandes preocupações era a perda de talentos por influência das condições ambientais, por isso sua atuação tão intensa nos meios rurais. Levando-se em conta que os bem dotados são indivíduos com habilidades que se destacam e que podem ser de grande contribuição futura para o país (inovando ainda mais nas pesquisas científicas e incrementando estratégias políticas, por exemplo), percebe-se a importância de uma maior atenção a este tema e a esta instituição específica (que ainda funciona, mas com recursos escassos que se originam da boa vontade de algumas poucas pessoas que acreditam no valor desta proposta de trabalho). Independente de uma reativação efetiva no funcionamento da ADAV, acredito na importância de um estudo a respeito de tal instituição que muito fez em prol das crianças com altas habilidades e que, com certeza merece um destaque na história da educação do estado de Minas Gerais por ter sido pioneira, inovadora a ainda funcionar até os dias atuais.

TEMA 2**ESTUDOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Mulheres do Laboratório de Biologia Infantil

Ana Maria Jacó-Vilela

Camilla Felix Barbosa

Dejany Ferreira dos Santos

Programa Clío Psyché, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A análise da história das produções dos saberes e das práticas psicológicas no Brasil aponta para uma significativa, porém pouco lembrada, contribuição: a da figura feminina. Constituindo um dos eixos de um projeto de pesquisa que visa compreender a participação da mulher nos discursos e práticas psi nos séculos XIX e XX, o presente trabalho se propõe a identificar e a levantar a presença de mulheres atuantes no Laboratório de Biologia Infantil (1935-1941), órgão do Juizado de Menores do Rio do Janeiro criado pelo médico-legista Leonídio Ribeiro (1893-1976) e destinado à identificação das causas biológicas da criminalidade infantil e à promoção da profilaxia criminal. Dentre diversos setores com fins médico-legais, o Laboratório contava ainda com serviços de exames antropológicos e psicológicos, de orientação e seleção profissional e de investigação social. Identificamos as mulheres que trabalharam nestes setores e que estavam envolvidas com práticas de cunho psicológico, visando construir o perfil de cada uma delas. Tendo em vista o curto período de funcionamento do LBI, poucos são os documentos e estudos referentes a tal instituição. Além disso, a possibilidade de obtermos fontes orais é remota, dada a época de seu funcionamento. Nesse sentido, nosso levantamento bibliográfico se limitou a, basicamente, três acervos: da Biblioteca Nacional, da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (sobretudo o Acervo Clio-Psyché e as Bibliotecas de Psicologia, Serviço Social e Direito) e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-PSI). A pesquisa que desenvolvemos constitui, sem dúvida, um relevante estudo, mas a não preservação de documentos históricos tem dificultado a investigação que nos propusemos a fazer. Apesar de serem escassas as fontes relativas ao Laboratório, acreditamos que a concentração de documentos de uma instituição em um dado Arquivo tornaria o trabalho do pesquisador mais acessível e completo. Temos, por exemplo, o nome de Glória Quintela, que chefiava o setor de Psicotécnica do LBI. Apesar de ter escrito livros e artigos, o que nos permite presumir sua relevância na Psicologia da época, encontramos somente uma foto sua e um artigo mais recente de sua autoria no periódico Arquivos Brasileiro de Psicotécnica, em um volume comemorativo de 1970-71, apresentando-a como psicóloga em Brasília; entretanto, seu nome não consta na listagem do Conselho Federal e Regional de Psicologia. Citações rápidas e nomes de algumas mulheres também estão presentes nos documentos do Laboratório. No entanto, as poucas informações sobre elas não nos forneceram elementos suficientes para concluirmos nossa investigação. Como, porém, buscamos aquelas que tiveram alguma relação com a prática psicológica, estamos investigando também Helena Paladini Cardoso, psicologista do LBI. Em conclusão, defendemos a importância da conservação dos documentos históricos, científicos e culturais que, conforme denominados, são patrimônios do nosso país. A dificuldade que temos encontrado em nossas investigações nos fez atentar para o valor de tais documentos, fontes relevantes para a construção da história de um determinado assunto ou lugar. Afinal, se hoje nos é possível

escrever a respeito do Laboratório de Biologia Infantil é porque ainda existem provas documentais a respeito de sua existência.

A Mulher na História da Psicologia no Brasil: resgatando Lucília Tavares

Ana Maria Jacó-Vilela

Maria Claudia Novaes Messias

Filipe Degani Carneiro

Rafael Ribeiro de Souza Maia

Programa Clio Psyché, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho vincula-se à pesquisa Mulher e Psicologia: entre mulheres inventadas e inventoras na Psicologia brasileira (1830-1962), desenvolvida pelo Programa Clio-Psyché/UERJ. Investigamos a presença feminina, como produtora, reprodutora e objeto dos discursos e práticas psicológicas no período acima destacado. Visamos levantar a atuação de mulheres em instituições relevantes na Psicologia brasileira no momento anterior à regulamentação da profissão no Brasil (Lei 4119, de 27/08/1962). Dentre estes espaços, merece destaque o Laboratório de Psychologia da Colônia de Psychopathas do Engenho de Dentro, organizado em 1924 por Waclaw Radecki, objetivando estudos experimentais e que teve muita relevância na divulgação da Psicologia no começo do século XX. Destacamos esta instituição por terem dela participado duas mulheres: Halina Radecka, esposa de Radecki, e Lucília Tavares. Esta publicou, em 1930, o livro “Psychologia do pensamento (ensaio crítico e analytico baseado no systema do discriminacionismo affetivo de Radecki)”, considerado o primeiro livro de psicologia publicado por uma mulher no Brasil, bem como alguns artigos nos Annaes da Colônia de Psychopathas. No acervo do Programa Clio-

Psyché, existe exemplar do livro, assim como os quatro volumes encontrados dos Annaes (1928, 1929, 1930, 1936). Nossa busca, entretanto, visa a reconstruir a trajetória de Lucília Tavares. Sabemos que a psicologia é vista nas primeiras décadas do século XX como um novo saber, moderno e científico, adequado aos objetivos da construção de uma nação civilizada. Assim, as mulheres, enquanto professoras, estudam Psicologia, o desenvolvimento humano e as diferenças individuais, aperfeiçoando-se no papel de promotoras dos ideais educacionais brasileiros. Lucília Tavares não era exceção: professora municipal, foi indicada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal para estagiar como assistente de Radecki no Laboratório. Chamou nossa atenção por ser a única mulher do grupo, além de Halina Radecka esposa do diretor. Sua atuação nos propiciou perguntas: o que levaria uma jovem, presumivelmente de “boa família” a ir trabalhar em uma área de saber ainda desconhecida e em um ambiente quase exclusivamente masculino? Contudo, nossa busca pela reconstrução de sua trajetória tem encontrado barreiras diversas. Pesquisamos em arquivos e acervos do Rio de Janeiro, como Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Secretarias Municipal e Estadual de Educação, Arquivo Geral da Cidade e Arquivo Público do Estado, visando encontrar dados sobre Lucília, como sua ficha cadastral. Enfrentamos o entrave de ser o Rio de Janeiro, a época, Distrito Federal, e assim, os documentos deste período estão perdidos na burocracia das instituições que guardam a documentação pública. Solicitamos colaboração de uma pesquisadora de Brasília para que buscasse nos acervos públicos do DF e também não obtivemos êxito. Tentamos ainda procurar no Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro algum indício de sua passagem

por lá, como aluna ou como professora, mas não encontramos nenhuma informação. Entretanto, continuamos nossa busca, faltando ainda pesquisar no acervo do Jornal do Commercio – consta que nele havia uma coluna publicada pelos assistentes do Laboratório.

Wallon e a filmologia – um relacionamento a ser explorado

Dener Luiz da Silva

Universidade Federal de São João Del Rei

No decorrer das décadas de 1940 e 1950 Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês, envolveu-se com a temática da filmologia. Tratava-se do estudo da impressão psicológica e dos processos psicológicos que são ativados ao assistir-se a uma produção filmatográfica. Wallon, em conjunto com sua esposa, Germaine Wallon (1888-1953) e, após a morte desta, com Bertha Zazzo, esposa de René Zazzo (1910-1995), conduziram algumas palestras, grupos de estudo e publicações sobre a temática. A presente pesquisa, a título introdutório, procura levantar as primeiras impressões – utilizando-se como material de análise artigos, panfletos e cartazes do grupo em questão - sobre esta curiosa articulação entre a psicologia walloniana, suas ênfases, conceitos fundantes, e a temática da filmologia, seu percurso e decorrências históricas. Propondo uma psicologia que articula o ato motor com o ato psicológico ou mental, Wallon irá, para longe de todos os dualismos, demonstrar a fina imbricação entre o ver, imaginar e a respectiva correspondência e interdependência com o *sistema postural*, segundo este autor, origem das respostas emocionais no homem.

A mente experimental de Sir Frederic C. Bartlett (1886-1969)

Gustavo Gauer

Universidade Federal de Minas Gerais

Nos livros-texto mais populares de história da psicologia, a contribuição de Sir Frederic C. Bartlett (1886-1969) usualmente resume-se ao papel de crítico de Ebbinghaus de investigação da memória humana. Contudo, a obra de Bartlett, tornou-se recentemente acessível ao público pelo F. C. Bartlett Archive (www-bartlett.sps.cam.ac.uk), da Universidade de Cambridge. O sítio disponibiliza uma importante parcela da produção do autor de 1914 a 1968. O presente estudo volta-se para alguns dos estudos de Bartlett sobre funções psicológicas de memória e pensamento, publicados entre as décadas de 1920 e 1950. Alguns dos títulos de destaque são *Feeling, imaging and thinking*, de 1925; *Experimental Method in Psychology*, de 1930; o clássico *Remembering: A study in experimental and social psychology*, de 1932; e a Autobiografia de 1936. Bartlett afirma que “a psicologia é uma ciência biológica” que explora, em animais e humanos, respostas a estímulos ambientais que sejam mais complexas que tropismos e reflexos simples. Entretanto, a primazia da Biologia não leva ao reducionismo, pois toda instância psicológica é organizada e tem estrutura complexa. Ademais, dentre as condições de ocorrência que devem servir à explicação do fenômeno psicológico, inclui-se a realidade sócio-cultural. Bartlett ocupou-se da investigação empírica e experimental de funções, ou “materiais” psicológicos. Tais materiais incluem sensações, percepções,

imagens mentais, pensamentos, sentimentos, etc., investigados em termos das condições da sua ocorrência. Como o material das funções psicológicas somente é acessível ao sujeito, Bartlett via o empreendimento da psicologia científica experimental, como um esforço de cooperação no qual tanto o participante quanto o pesquisador cumprem papéis específicos, mas igualmente importantes. O experimentalismo de Bartlett é sui-generis em pelo menos três aspectos, quando comparado com abordagens suas contemporâneas. Primeiro, o interesse pelo “mental” destoava claramente uma época de ascensão do behaviorismo. Segundo, alinhando-se parcialmente aos gestaltistas, os materiais psicológicos somente poderiam ser analisados, ainda que em condições experimentais rigorosamente controladas, enquanto ocorrências integrais na adaptação do indivíduo ao seu meio. Terceiro, a prática científica assumia um caráter plural, incluindo no repertório metodológico não apenas a experimentação, mas também a observação de campo e relatos de experiência como procedimentos válidos de aferição de dados atinentes aos fenômenos psicológicos. No âmbito conceitual, pode-se dizer que Bartlett renunciou a psicologia cognitiva representacionista, antecipando em seus conceitos de esquema e convencionalização do conhecimento, princípios de organização da informação processada em sistemas cognitivos. A título de conclusão destaca-se, do ensaio autobiográfico, a atualíssima orientação de Bartlett para dar conta da complexidade dos fatos psicológicos: combinar o estudo de ciências naturais (fisiologia, biologia), para aperfeiçoamento da técnica de laboratório, com o estudo de filosofia e lógica, para treinamento na “técnica do pensamento”, igualmente importante na conformação de pesquisador inteligente. Historicamente, uma hipótese

explicativa para o relativo desconhecimento da importante contribuição de Bartlett vem da sua própria abordagem da ciência, que voluntariamente enfatizava a investigação empírica das funções psicológicas, sem preocupação em formular grande “Teoria”. Numa era de esforços de unificação da psicologia em torno de escolas, Bartlett não oferecia uma “doutrina” teórica óbvia que pudesse ser assumida e defendida por seguidores.

Palavras-chave: Frederic C. Bartlett, psicologia experimental, pensamento, memória

A história da Psicologia na PUC Minas: alunos participam, constróem e fazem parte da história

Karina Fideles

Maria Luiza Marques

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a história da Psicologia na PUC Minas, articulando sua construção dentro da realidade brasileira com seu resgate e documentação, realizados através de encontros promovidos com os alunos dos primeiros períodos do curso de Psicologia das diferentes unidades dessa universidade. O primeiro momento metodológico desses encontros ocorreu em 2006, com aproximações entre as professoras das disciplinas Psicologia Geral e História da Psicologia dos cursos de psicologia das unidades Betim e Coração Eucarístico, respectivamente. A proposta inicial foi promover um evento intercampi em que alunos ingressantes no curso de psicologia das diferentes unidades da PUC Minas pudessem (re)construir a história da Psicologia dessa universidade, relacionando-a com a institucionalização da psicologia como profissão em Minas Gerais e no Brasil. Além disso, o evento visou proporcionar um espaço-tempo para a troca de experiências entre alunos, professores e diretoria do Instituto de Psicologia da PUC Minas, considerando que essas trocas são também dispositivos de construção histórica. O sucesso do I Encontro de História da Psicologia da PUC Minas, ocorrido no segundo semestre de 2006, firmou a institucionalização do evento, que se tornou uma atividade semestral desde então. Estruturado com apoio da Diretoria do Instituto

de Psicologia da universidade, as edições do evento têm, por um lado, promovido a integração entre alunos e professores oriundos dos cursos de Psicologia da PUC Minas em Belo Horizonte (campi Coração Eucarístico e São Gabriel), Betim, Arcos e Poços de Caldas. Ademais, os encontros (re)criam a história da psicologia na PUC, em Minas e no Brasil, articulando variados modos de atuação do profissional psicólogo através da participação de professores fundadores do curso na PUC Minas (cuja criação pioneira ocorreu há quase 50 anos, em março de 1959, antes mesmo do formalização legal da profissão em 1962), de professores atuantes em diversas áreas do conhecimento humano e de integrantes dos órgãos de representação profissional. Desse modo, o presente artigo pretende refletir sobre o processo de institucionalização do evento, suas contribuições para o percurso histórico da Psicologia na PUC Minas e suas articulações com o fazer psicológico em Minas Gerais e no Brasil. Com efeito, consideramos que elaborar dispositivos que (re)construam a história de uma formação pioneira em psicologia dentro do contexto brasileiro, como é o caso do curso da PUC Minas, faz parte do compromisso que a formação em psicologia deve ter com a construção deste saber inserido socialmente.

A morte da infância

Marcelo Ricardo Pereira

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais

Acabou a infância? Ou até quando teremos de acreditar na ilusão de que a educação escolar e os modos de brincadeiras prescritas e formatadas deverão funcionar como antídoto à caixa de vigilância e punição dos adultos? Ora, afinal, a infância que os adultos concebem e inculcam nos pequenos pode mesmo estar longe de se si, de suas tecnologias ou de seu desejo. Não há, na verdade, espaço para que se reconheça a diferença. Se, por um lado, o adulto toma a infância como período que contém a chave explicativa para o que ele é, por outro, ele faz de tudo para que os infantis deixem de sê-lo. Isto é, de um lado temos a “criança esperança”, do outro, cuidamos para que as crianças peçam esmolas nas ruas, prostituam-se, tornem-se “aviõezinhos” do tráfico ou, de mesma ordem, transformem-se em mini-executivas de agendas lotadas, excedendo-se entre a escola de tempo integral, o balé, o inglês ou qualquer outra atividade que possa ser monitorada através de um celular ou de um palmtop. Em certos casos a miniaturização das ações dos mais velhos é o retrato fiel da realidade, sob as piores formas de exploração. Há de se entender, portanto, porque muitos infantis de hoje hesitem em tornar-se adultos. Esta comunicação pretende abordar a noção da infância e da adolescência de nossos dias, pensada à luz das teorias freudianas e foucaultianas, e das recentes reflexões sobre o tema: crianças invisíveis, adolescentes abandonados à sua própria sorte,

adultos evadidos de seu lugar de memória, experiência e lei em troca do gozo do consumo e dos excessos.

Paternidade libanesa e processos de subjetivação

Alyne Rachid Ali Scofield

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – São Gabriel

O resumo em questão se refere ao trabalho de pesquisa obrigatório para conclusão da graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O tema é os processos de subjetivação na paternidade libanesa. Com base nas evidências da forte ligação que os libaneses, mais especificadamente, os imigrantes sírio-libaneses, tem com seus familiares, a experiência da paternidade preserva também o seu valor e a sua importância na vida desse homem. É a partir dela que esse construirá a sua própria família e perpetuará não só o seu nome, mas a sua memória. O resgate da história da imigração sírio-libanesa antes da primeira Guerra Mundial e após a Segunda Guerra mundial para o Brasil foi essencial na compreensão da história dos sujeitos entrevistados. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com homens que emigraram para o Brasil há cerca de 50 anos. Estes residem numa cidade no interior de Minas Gerais e são pais de filhos de ambos os sexos. A pesquisa teve o objetivo de: investigar as diferenças na paternidade de filhos homens e mulheres; analisar o impacto da paternidade na masculinidade de pais libaneses; identificar a relação entre cultura libanesa, paternidade e subjetividade; discutir em profundidade os processos de subjetivação na paternidade libanesa; resgatar e preservar a história oral da imigração Sírio-libanesa no leste de Minas Gerais. Para a compreensão e elucidação dos processos de subjetivação foram utilizados os autores Félix Guattari, Michel Foucault e

François Zourabichvili. Na discussão sobre paternidade e masculinidade as autoras Inês Hennigen e Neuza Maria de Fátima Guareschi contribuíram ao afirmar que o significado da paternidade e o envolvimento afetivo com os/as filhos/as estão relacionados à identidade de gênero e às experiências dos homens com seus próprios pais e parentes. Assim, relatam que há uma diversidade muito grande do que é ser pai por conta das variações culturais e étnicas, o que faz com que não exista uma definição simples e de sucesso de paternidade, que possa reivindicar aceitação universal. Foram realizadas oito entrevistas. O número de entrevistas foi determinado pelo critério de saturação. Essas foram analisadas com base na técnica da análise de conteúdo. O homem, o pai sírio-libanês nesse trabalho, é entendido como portador de uma subjetividade socialmente construída, descentrada, múltipla, nômade, produto de práticas episódicas de auto-exposição, em locais e épocas particulares. A discussão dos processos de subjetivação tem o objetivo de elucidar como, em um momento cultural e histórico particular, esses homens se tornaram particularmente, o que são. É necessário preservar a história desse povo que veio “fazer” o Brasil e a experiência tão marcante e intensa desses homens como pais, com o intuito também de preservar essa cultura que se mistura à cultura do povo brasileiro.

TEMA 3

**MUSEUS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO EM
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**

O lugar da psicologia na história do Instituto Helena Antipoff (RJ)

Alexandre de Carvalho Castro
Professor adjunto do CEFET/RJ

O presente trabalho aborda as perspectivas históricas do lugar do psicólogo no âmbito do Instituto Helena Antipoff (IHA), instituição vinculada à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e voltada à inclusão social e escolar de estudantes portadores de necessidades especiais da Rede Municipal de Ensino. Criado em 1974 — a partir de uma escola-hospital anterior cuja organização inicial remontava à década de 40 — e assim denominado em decorrência do legado educacional deixado pela professora Helena Antipoff, o Instituto se constitui em um relevante objeto de pesquisa para a História da Psicologia. Responsável pela elaboração e implementação de políticas em Educação Especial, o campo de atuação do Instituto atualmente envolve o trabalho de cerca de 60 professores especializados do próprio IHA, assim como o de outros 700 professores (de aproximadamente 70% das 1.055 escolas do município), que estão capacitados a assistir, no momento, mais de 9 mil crianças e jovens que dependem de Educação Especial. Nesta pesquisa, contudo, um especial destaque precisa ser dado ao Centro de Referência em Educação Especial do Instituto Helena Antipoff (criado em 1996), em função de uma série de projetos que contribuem tanto para atualização permanente dos professores, quanto para a aprendizagem dos alunos. Nesse Centro são particularmente oferecidos diversos serviços especializados para portadores de

deficiências sensoriais (auditiva e visual), deficiência mental, transtornos severos de comportamento ou condutas típicas (autismo e psicoses), deficiências múltiplas (paralisia cerebral), altas habilidades (superdotados) e deficiências físicas. Tais serviços incluem oficinas vivenciais de ajuda técnica para ação educativa, ginástica, artes plásticas, teatro, música, dança, oficina da palavra, brinquedoteca, sala de leitura (com acervo de 4 mil volumes), laboratórios de informática, centro de transcrição em Braille, e laboratório de Libras (relativo à Língua Brasileira de Sinais). No entanto, o ponto a ser ressaltado é que o Centro de Referência também inclui em suas atividades a criação de um Centro de Memória, o que vem sendo feito através do procedimento metodológico da história oral, dada a necessidade de se resgatar diversos aspectos de uma história que não foi registrada por outros meios. Os dados obtidos — nesta investigação que ainda está em andamento — permitem problematizar o saber psicológico implicado nas atividades do Instituto, por um lado, e o lugar do psicólogo, por outro, em virtude de uma dicotomia instituída nos órgãos da Prefeitura do Rio de Janeiro. Isso porque, a partir do início da década de 80, estipulou-se que a lotação de psicólogos ficaria restrita à área de saúde, decisão que afetou diretamente os psicólogos do Instituto Helena Antipoff. Assim sendo, alguns que desejaram manter a condição de “psicólogos” foram transferidos para outros órgãos, e os que permaneceram no Instituto o fizeram na condição de serem lotados estritamente como “professores”. A investigação dessas perspectivas históricas no âmbito do IHA, portanto, permite não só trazer à luz o caráter interdisciplinar do legado da professora Helena Antipoff, como também passar em revista as

complexas relações entre as políticas públicas de saúde e educação que hodiernamente fragmentam a identidade profissional do psicólogo.

Documentário sobre o caso do Serviço de Psicologia Escolar da Prefeitura Municipal de São Paulo

Carmem Silvia Rotondano Taverna

**Universidade São Marcos – São Paulo e NEHPSI – Núcleo de
Estudos em História da Psicologia do Programa de Psicologia
Social – PUC-SP**

É o reconhecimento da importância do ensino e pesquisa em História da Psicologia brasileira que sustenta este projeto, que pretende criar um arquivo em formato documentário sobre o serviço de psicologia escolar da prefeitura municipal de São Paulo para ser colocado à disposição de professores, estudantes e pesquisadores – um “arquivo itinerante”. O documentário, como gênero audiovisual, caracteriza-se por retratar e aprofundar a compreensão de fatos e acontecimentos e busca na interação com o espectador, incentivar a crítica e possibilitar interpretações diversas acerca de um tema, pois ao apresentar diferentes narrativas, muitas vezes, contraditórias demonstra a complexidade da realidade abordada, permitindo ao espectador tirar suas próprias conclusões. Aos professores e estudantes, particularmente, o documentário poderá abrir um espaço para a reflexão em sala de aula sobre a Psicologia no Brasil na área da Educação, avaliando criticamente seus determinantes históricos e as tendências contemporâneas, ou ainda, a profissão em movimento, as tramas sociais que engendraram seu desenvolvimento, o que, certamente,

fundamentará análise sobre as condições atuais e projeções para o exercício profissional do psicólogo escolar. A produção fundamentar-se-á na abordagem social da historiografia da psicologia. O roteiro do documentário terá por referência os resultados do Estudo Histórico sobre a Psicologia Escolar na Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo (tese de doutorado apresentada no programa de pós-graduação em psicologia social da PUC-SP, 2003) que abrange o período dos anos iniciais da década de 1930 ao início da década de 1990. Pretende-se ainda, completar a pesquisa em fontes orais, com a coleta de depoimentos de profissionais psicólogos e outros que de algum modo participaram do serviço de psicologia escolar da prefeitura de São Paulo, em áudio e vídeo, no formato de entrevistas; captar novos registros iconográficos e documentais, de modo a adequar a apresentação do documentário. A produção, de caráter autoral, apresentará uma análise e interpretação do conjunto de documentos pesquisados não apenas relacionados entre si, mas também com alguns dos acontecimentos que marcaram a história da cidade de São Paulo, do Brasil, da psicologia e da própria profissão de psicólogo e identificará: a assistência à criança das camadas populares na prefeitura de São Paulo nos anos 30, à criação do Setor de Psicologia Clínica, na década de 1940, e o desenvolvimento desse trabalho, até a primeira metade da década de 1970; a fase de criação do Serviço de Psicologia Escolar, o qual marcou o início da busca de uma identidade profissional do psicólogo escolar; abrangendo os anos de 1975 a 1979; a psicologia escolar-clínica preventiva e a dimensão política do trabalho do psicólogo escolar, compreendendo os anos de 1980 a 1985; a extinção do Serviço de Psicologia Escolar e a transferência dos psicólogos da Secretaria

Municipal de Educação para a Secretaria Municipal de Saúde, abrangendo os anos de 1986 aos primeiros anos da década de 1990. A produção terá cerca de 40 minutos de duração e, ainda, biografias resumidas dos personagens citados no documentário.

Projeto de Revitalização e difusão da mostra de mineralogia e petrologia – Museu Padre Joseph Cornélius Marie de Man

Renato Santos Lacerda

Jezulino Lúcio Mendes Braga

Niura Sueli de Almeida Martins

Clibson Alves dos Santos

Maria Aparecida Perroux Sueth Fontoura

Elisabeth Aparecida Lopes

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste/MG

Este projeto, aprovado pela Fundação de Amparo de Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, em 2007, tem por finalidade última a promoção de ações educativas através do Museu Padre Joseph Cornélius Marie De Man, sob uma perspectiva interdisciplinar, é composta de profissionais da geologia, biblioteconomia, geografia, pedagogia e história. Pretende-se criar um ambiente museológico propício para exposição mineralógica e petrologia. Essa ação se fará acompanhada de *software* educativo, cartilha pedagógica, *folder* e *banner* com o objetivo de difundir a ciência em instituições escolares da Região Metropolitana do Vale do Aço, Minas Gerais, despertando o interesse necessário pela cultura da investigação científica. A modernização do espaço do Museu Padre De Man, juntamente com a ampliação de suas atividades, beneficiará, nos âmbitos pedagógico, científico, cultural e social, a interação entre educação superior e instituições escolares de educação básica.

**Público de Museu - Casa de Memória e Pesquisa do
Legislativo:
Ações culturais e educativas**

Sabrina Dantas Mendes Fernandes

**Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE/MG
Casa de Memória de Memória e Pesquisa do Legislativo de
Timóteo/MG**

Essa pesquisa tem por finalidade última apontar as relações entre Museu e Público. Partimos do pressuposto fundamental de que é o público que gera expressividade, visibilidade e notoriedade ao museu, não necessariamente sob o aspecto da imagem desse espaço, mas na perspectiva do verdadeiro aproveitamento do consumo cultural do cidadão, independentemente de sua classe social. Dessa forma, entendemos que o museu ao se preocupar em investigar a estrutura de atendimento ao público, possibilitará em identificar as razões lacunares entre o sujeito visitante e o espaço cultural visitado. Especificamente, investigamos o público da Casa de Memória e Pesquisa do Legislativo do município de Timóteo, interior de Minas Gerais. A Casa de Memória foi inaugurada no dia vinte e nove de abril de 2004, dia do aniversário da Cidade, fato este que não foi mera coincidência, já que foi implantada com o intuito de preservar um imóvel antigo do município. Construído no ano de 1922, o imóvel estava abandonado pelos proprietários e se perdendo devido à falta de manutenção e restauro. Por iniciativa do Legislativo municipal, implantou-se ações de conservação e implantação

de um lugar de memória. Desde 2004 a Casa de Memória tem recebido um público considerável e heterogêneo. Para esse público, foi aplicado, em 2007, num período de três meses, a oitenta visitantes, um questionário contendo oito questões, sendo, sete de múltipla escolha e uma questão aberta. Através desse questionário pudemos observar: atividades realizadas pelo museu conhecidas pela população, conhecimento do acervo, motivo da visita, satisfação, localização, atendimento e concepção pessoal sobre a Casa de Memória, entre outras questões pertinentes. Através desta pesquisa destacamos aqui que a Casa de Memória tem sido um veículo importante em se tratando de inclusão digital e acesso à informação. Todavia, percebemos que 93% dos visitantes interrogados declarou o desinteresse pelo acervo de artefatos e massa documental. Concluímos, sob esse aspecto, que o público da Casa de Memória sente-se à margem de algumas atividades realizadas e também estranhos à museografia do acervo geral, mesmo porque raramente são consultados ou chamados a opinarem sobre o planejamento e implementação de exposição museológica.

Projeto Ciência na Estrada – Museu Interativo

Tânia Margarida Lima Costa

Tula Maria Rocha Morais

Centro de Difusão da Ciência

Universidade Federal de Minas Gerais

O projeto Ciência na Estrada – Museu Interativo é pioneiro em Minas Gerais por ser um museu interativo de ciência e tecnologia locado em uma unidade móvel. Constitui-se de um caminhão semi-reboque com seu espaço interior adaptado em três ambientes: sala de projeção, laboratório de informática e laboratório de física, química e biologia. Possui equipamentos e materiais para a realização de exposições interativas externas, oficinas e atrações, visando desenvolver atividades pedagógicas, científicas e culturais que podem variar de acordo com a realidade do local visitado. As atividades e exposições do museu serão elaboradas por professores e pesquisadores, envolvendo alunos da graduação e pós-graduação da UFMG de diversas áreas do conhecimento. Contará com apoio logístico das Pró-Reitorias de Extensão, Graduação e Pós-Graduação da UFMG, das Secretarias Municipais de Educação e do Ministério da Ciência e Tecnologia. Em parceria com as prefeituras e comunidades será organizado um cronograma de viagens, não ultrapassando duas ao mês com duração de quatro dias cada. Em contrapartida, as prefeituras deverão arcar com o transporte, alimentação e diárias dos membros da equipe e disponibilizar uma área de aproximadamente 1000 m² para a realização das atividades. A Universidade Federal de Minas Gerais ao propor um

espaço itinerante e interativo de ciência marca o compromisso da instituição com a alfabetização científica e a socialização dos resultados de suas pesquisas, articulando-as com o cotidiano e buscando, ao mesmo tempo, discutir questões polêmicas que envolvem a sociedade. Espaços educativos não formais desempenham papel social e cultural relevantes ao contribuir para conhecer e pensar as relações que os seres estabelecem entre si, com o meio e com o conhecimento científico. Desmistifica a visão da ciência como algo complicado e distante e mostra como ela está presente no cotidiano das pessoas. Mesmo diante dos esforços da política estadual, encontramos em muitas cidades escolas carentes de material, laboratório e equipamento científico e tecnológico. A maioria dos museus de ciências se encontra nas grandes cidades o que dificulta as visitas de alunos do interior do Estado. Em 2006, Belo Horizonte contava com cerca de 2.399.920 habitantes, sendo a 5ª maior cidade brasileira em população. Além disso, segundo dados do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP), a capital tem aproximadamente 501.428 alunos matriculados na escola básica e 118.640 no ensino superior. Apesar de tudo isso, Belo Horizonte dispõe de um número relativamente pequeno de museus e espaços de ciência para atender sua própria população e a das cidades do interior do estado. Por ser itinerante, Ciência na Estrada ajuda a romper com a limitação do atendimento. Ele pode ser levado para portas das escolas, praças de Belo Horizonte e de cidades de Minas Gerais. E mais, existe a possibilidade de desenvolver inúmeros trabalhos baseados em pesquisas de campo, numa parceria da UFMG com instituições de cada cidade visitada. Dessa forma, o projeto amplia as oportunidades de

acesso dos alunos da educação básica e comunidade do interior aos espaços de alfabetização científica.

TEMA 4
PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Recepção da Escola Nova no Acre (1930-1950)

Cleyde Oliveira de Castro
Centro de Educação Letras e Artes da
Universidade Federal do Acre

A pesquisa através de documentos visa conhecer a história de um povo e a história das mudanças ocorridas no seu processo de escolarização. Esta pesquisa visa investigar a recepção da Escola Nova no Acre entre 1930 a 1950 para verificar: como idéias sobre a Escola Nova estão representadas nas notícias de jornal e documentos sobre a educação no Acre? De que forma esse discurso contribuiu para a difusão das idéias psicológicas pautadas no escolanovismo? Elegeu-se como categorias de análise: o ensino centrado no interesse da criança, centros de interesse, conteúdo de ensino, ambiente geográfico, lição de coisas e método. As categorias justificam-se por serem foco de preocupação da Escola Nova. Segundo Lourenço Filho a criança fundamentou as reformas pedagógicas do pós-guerra, sendo a base da ação educativa. Os centros de interesse dizem respeito à sequenciação do trabalho escolar e ao emprego do tempo. Decroly os dividiu em observação, associação e expressão, propondo a adequação do assunto ao interesse da criança, partindo da noção do que é conhecido por ela, devendo a aula derivar de fatos de sua realidade. O conteúdo torna-se importante, pois se o processo de conhecimento é mais importante do que o produto, o conteúdo precisa ser compreendido e não decorado. Beckheuser afirma que o ambiente geográfico é sempre de interesse da criança e se

alarga da casa para o bairro, o estado, o país e o mundo. A lição de coisa ou método intuitivo, concebe o conhecimento como resultante dos sentidos e da observação, e consiste no núcleo principal da renovação pedagógica ocorrida entre os ideais filosóficos discutidos no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX por Pestalozzi e Froebel, que pressupunham uma abordagem indutiva pela qual o ensino deve partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. Esse método foi adotado na educação por ser considerado um princípio geral que abrangia todo o programa da escola e ainda como uma forma de triunfo sobre o ensino verbalista, repetitivo, enraizado na memorização. Visava superar o intelectualismo da escola tradicional e propor que o aluno deveria “aprender fazendo”. Para Piaget, a escola não devia estar voltada apenas para o intelecto; o corpo devia ser valorizado através de atividades físicas e do desenvolvimento da motricidade. Mostrou como a atividade mental da criança é sensório-motora e, em seguida, predominantemente intuitiva, exigindo maior atenção aos movimentos e à estimulação da percepção. Os recursos usados como fonte de pesquisa primária serão o jornal “O Acre”, semanário que funcionava como diário oficial e noticiava fatos ocorridos na educação do território e do país; documentos oficiais e fotografias das salas de aula que possam estar refletindo as mudanças ocorridas na educação nesse período. A pesquisa está em fase de coleta de dados e já foram identificadas notícias, documentos e referências a revistas e cartilhas utilizadas na época. Através desse levantamento inicial foi possível identificar aspectos desse movimento educacional ocorrido no antigo Território do Acre.

Educação humanista, libertadora, democrática e emancipatória: uma (re)leitura das obras de Helena Antipoff e Paulo Freire

**Elizabeth Dias Munaier Lages
Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira,
Fundação Helena Antipoff)¹**

Este estudo é proveniente do Doutorado em Educação em curso na Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais. Tem-se como objeto de investigação da pesquisa as diferenças, complementaridades e similitudes na concepção de educação humanista, libertadora, democrática e emancipatória presentes nas obras de Helena Antipoff e Paulo Freire. Emergindo-se da dimensão pedagógica, prática, estética, política e democrática destes dois notáveis educadores, Antipoff e Freire, tal investigação, ainda em estágio inicial, privilegia destacar este contexto de educação, aplicado por um lado, por uma educadora, que teve papel singular no estabelecimento e posterior desenvolvimento da área da psicologia da educação no Brasil e, que desenvolveu importante trabalho na perspectiva sócio-cultural nas áreas da psicologia e da educação e por outro, por um mestre, com atuação e reconhecimento internacional, principalmente pelo método de educação

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Fae/UFMG.

de adultos que leva o seu nome e, que esteve permanentemente em defesa de uma educação conscientizadora dos educandos, levando-os a entender sua situação de oprimidos, no sentido de agir em favor de sua própria libertação. A partir de levantamentos preliminares, ressalta-se que a história destes dois educadores se entrecruzam, ao se vincular à educação rural, cada qual em seu momento histórico, sendo ativamente participantes de movimento popular de educação solidário e democratizante, apoiado pelas Campanhas Federais de Educação Rural, na década de 1950 (Antipoff) e pelo patrocínio do governo federal nas Campanhas de Educação Nacional e Rural, na década de 1960, infelizmente interrompidas pelo golpe militar de 1964 (Freire). O diálogo e a interlocução teórica tem-se apresentado através das obras publicadas pelos dois educadores, tomando como exemplo: Antipoff (1992, Coletânea); Freire (1987;1996;2005) e por seus pesquisadores, Gadotti et al (2000); Monteiro (2006); Campos (2006; 2001; 1995; 1989; 1980) e outros. Tal pesquisa também apoia-se em estudos comparativos como os de Mayo (2004) e Becker (1993). Também auxilia-nos na compreensão do conceito humanista de educação, o apoio teórico de Luzuriaga (1973). Salienta-se que tal estudo comparativo entre os conceitos de educação antipoffianos e freireanos privilegia as referências percebidas e destacadas das matrizes intelectuais que elaboraram o seu pensamento. Assim sendo, a análise histórica se fará pela consideração de conflitos, pressupondo-se uma horizontalidade (continuismo) e uma verticalidade (teoria das revoluções científicas, descontinuismo) do conceito de educação presente na obra dos dois educadores. Este é um estudo conceitual e histórico. Utiliza-se, neste sentido, a História das Ciências, para contextualizar as fontes de pesquisa às quais recorreremos,

tanto as produzidas por Antipoff quanto por Freire, no sentido de associá-las à sua história social de vida e a outros fatores determinantes que, com efeito, influenciaram sua maneira de concebê-las. O tratamento das fontes dar-se-á pela análise de conteúdo para compreender o significado próprio das citações, interpretando o sentido das palavras, ou o que se apresenta “internamente” nelas. (BARDIN, 1979).

A Escola Normal Regional D. Joaquim Silvério de Souza de Diamantina e a Formação de Professores para o Meio Rural Mineiro: 1950 – 1970

**Helder de Moraes Pinto – FEVALE/FAFIDIA
Leila de Alvarenga Mafra - PUC Minas**

A pesquisa realizada teve como objeto de investigação a ESCOLA NORMAL REGIONAL DOM JOAQUIM SILVÉRIO DE SOUZA (1950-1970), situada na zona rural de Diamantina, Minas Gerais. A hipótese aqui analisada discute a suposta renovação teórica e instrumental na formação do professor, regente de ensino, para o “meio rural”. Para tanto, buscou-se descrever o processo de constituição dessa escola; as peculiaridades introduzidas na formação especializada desse profissional; analisar o pensamento educacional que sustentou essa formação, especialmente, a concepção de formação normal rural explicitada pela psicóloga russa Helena Antipoff (1892-1974), responsável pedagógica do curso. A investigação focalizou o contexto sócio-econômico do país e, especialmente de Minas Gerais, entre as décadas de 50 e 70, bem como as políticas públicas defendidas em discursos sobre a educação rural nesse estado, que antecederam e publicaram a missão atribuída à Instituição Educativa estudada. A seguir, foram identificados e analisados os dispositivos didático-pedagógicos de natureza material e simbólica utilizados na formação das normalistas, priorizando-se, autores, obras e a teoria educacional neles veiculados.

Nessa formação das normalistas foi ainda avaliado o papel das Didáticas nas práticas de ensino e do Clube Agrícola, no exercício científico de agricultura e ser ensinada as normalistas.

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se por ser histórica, documental e bibliográfica, sustentada por pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia contemporânea. Desta, foram utilizados os conceitos de “tempo histórico”, difundido por Jacques Le Goff (História e Memória, 2003), José Carlos Reis (Tempo, História e Evasão, 1994) e Boaventura de Souza Santos (A gramática do Tempo, 2006). Nesses textos, os autores apresentam a noção de “oposição entre o passado e o presente” e entre “o campo de experiência” (tradições incorporadas) e o “horizonte de expectativa” (futuro desejado). Esses autores demonstram, portanto, como as pessoas, grupos sociais e/ou gerações promovem uma espécie de “extorsão do tempo” ora para o futuro, ora para o passado, como instrumento de elaboração e planejamento do presente. E ainda, estudos sobre a história da formação de professores abordados a partir da “História das Intuições Educativas” como: Justino Magalhães (Tecendo Nexos: história das instituições educativas, 2004), Diana Gonçalves Vidal (O exercício disciplinado do olhar, 2001), Carlos Monarcha (Escola Normal da Praça, 1999), Ester Buffa e Paolo Nosella (SCOHOLA MATER: A Antiga escola Normal de São Carlos, 1996) entre outros.

Algumas das fontes consultadas na pesquisa de campo: jornais, revistas, livros de atas que descrevem rotinas do cotidiano escolar; livro de inventário de objetos e equipamentos encontrados no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, em Ibité, no Acervo da Escola Normal D.Joaquim Silvério de Souza, em Conselheiro Mata –

Diamantina. E a pesquisa bibliográfica foi realizada nas bibliotecas da Puc Minas e UFMG.

**As armadilhas da educação inclusiva: um estudo
de caso em uma escola da Rede Municipal de Educação
de Belo Horizonte**

**Maria Renata Silva Furtado - Faculdade Inforium
de Tecnologia**

**Anna Maria Salgueiro Caldeira - Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais**

A inclusão social da pessoa portadora de deficiência é um movimento recente em nossa sociedade. Por ser a escola parte constitutiva do social, ela reflete os desdobramentos de todas as transformações ocorridas na sociedade. Assim, a inclusão social abrange a educação e preconiza a educação inclusiva, voltada ao reconhecimento das diferenças entre alunos, promovendo a aprendizagem conjunta de todas as crianças independentemente de suas condições biológicas e/ou socioculturais. É nesse contexto e com a intenção de contribuir de alguma forma para a educação inclusiva que este artigo tem como objetivo analisar a participação da educação inclusiva na construção da trajetória de vida de uma criança deficiente. Para tal, recorreremos aos aportes que a teoria histórico-cultural de Vygotsky tem para a organização e o desenvolvimento do trabalho pedagógico com crianças com deficiências, mais especificamente, ao conceito de zona de desenvolvimento proximal e à teoria da compensação. Nossa opção foi pela abordagem qualitativa da investigação para a construção de um

estudo de caso da criança pesquisada. As informações empíricas foram obtidas em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, através de entrevistas semi-estruturadas e de observações participantes na sala de aula e em outros espaços da escola. Os resultados encontrados mostram que, através da relação com seus colegas e com a professora, a criança está se desenvolvendo de forma adequada e vem obtendo progressos no seu processo de aprendizagem, o que indica a importância do processo relacional para o desenvolvimento da criança com deficiência.

Brincadeira, Psicologia e Educação: uma reflexão crítica

Regina Lucia Sucupira Pedroza

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília.

A atividade lúdica, ou a brincadeira, tem se mostrado um campo de interesse de investigação ao longo da história da cultura em diferentes áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia e a biologia. O lúdico envolve os termos jogo e brincar e a literatura oferece diversas concepções à cerca desses termos. No entanto, há uma concordância presente em diferentes autores das mais variadas áreas do conhecimento, em relação ao jogo como sendo um fenômeno cultural, muito antigo, que ocorre tanto na criança como no adulto, de formas específicas e com funções diferenciadas. A brincadeira, portanto, é uma atividade que se apresenta como um campo de construção histórica e epistemológica que merece ser reconhecida com uma definição teórica no campo da psicologia e suas possíveis contribuições para o campo da educação. A brincadeira assume um papel essencial porque se constitui como produto e produtora de sentidos e significados na formação e desenvolvimento do ser humano. A partir dessa atividade a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, resignificando-os. Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer. Representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos

cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões e solução de problemas. A brincadeira proporciona um momento de descontração e de informalidade que a escola pode utilizar mesmo que isso possa parecer um paradoxo já que o seu papel, por excelência, é o de oferecer o ensino formal. Mas, por outro lado, a escola, por exercer também um papel fundamental na formação do sujeito e da personalidade, deve oferecer atividades como a brincadeira. O objetivo deste trabalho consiste na realização de uma análise crítica de como a brincadeira vem sendo entendida nas diferentes abordagens teóricas da psicologia e como é utilizada na escola. Entende-se aqui que o lúdico tem sua importância na educação não apenas como um instrumento didático que auxilia na aprendizagem dos conteúdos curriculares. Mas, principalmente, ampliando as possibilidades da educação na criação de um espaço de brincadeira mostrando a importância desta nos processos de desenvolvimento da pessoa e da aprendizagem, podendo ser utilizada como fonte de diálogo que permite um maior conhecimento sobre os alunos. Esse espaço, portanto, também traria a oportunidade de mudanças de postura dos professores em relação aos alunos, fazendo com que eles acreditem na capacidade dos estudantes de aprender. Pois, esse espaço seria de descontração, onde novas relações seriam estabelecidas com mais espontaneidade e novas descobertas contribuiriam para o aprendizado e o desenvolvimento. Conclui-se que é de extrema importância o registro das diferentes concepções teóricas sobre a conceituação da atividade lúdica, uma vez que a brincadeira exerce um papel fundamental na constituição do sujeito ao possibilitar o desenvolvimento de sua personalidade seja pela busca de satisfazer

seus desejos, por exercitar sua capacidade imaginativa, comunicativa, criativa ou emocional.

A dimensão sócio-afetiva no trabalho pedagógico de Helena Antipoff

Iza Rodrigues da Luz

Regina Helena de Freitas Campos

Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff –

LAPED

Universidade Federal de Minas Gerais

A presente pesquisa investigou a dimensão da afetividade no projeto pedagógico da primeira Escola Normal Rural implantada em Minas Gerais por Helena Antipoff. Para tanto foram consultados os documentos do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff - CDPHA, localizado na Universidade Federal de Minas Gerais e no acervo de seu Memorial, localizado na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, MG. Durante a pesquisa foram lidos e analisados 28 textos de Helena Antipoff; para identificação de seu pensamento sobre a dimensão sócio-afetiva, bem como de temas correlatos, como a educação, função da escola, desenvolvimento da personalidade e do caráter, etc. Foram lidos e analisados diários escritos pelas alunas da Escola Normal Rural dos anos de 1950, 1955, 1960, 1965, 1970 e 1974; e entrevistadas uma das alunas e uma das diretoras da Escola, para conhecimento da proposta pedagógica e funcionamento da Escola Normal Rural. A análise dos textos de Helena Antipoff evidencia um ideal de educação que privilegia a formação integral do ser humano. Nesse sentido a dimensão sócio-afetiva é destacada e colocada como um aspecto a ser trabalhado

nas escolas. O professor é visto como peça chave do processo ensino-aprendizagem e de qualquer mudança que se pretenda empreender nas escolas. Esse profissional deve possuir duas características especiais: conhecimento sobre si mesmo e disponibilidade em procurar entender o universo do aluno e suas especificidades. Em sua visão, a função da escola é ser uma instituição de promoção da democracia, onde a lealdade e a cooperação devem ser critérios valorizados e colocados em prática na organização das atividades desde o primeiro nível de ensino. Em sua concepção, a cooperação é definida como o processo que permite ao grupo social se estruturar de forma a que cada um se sinta livre e responsável por suas atividades, sendo esse um dos principais objetivos das escolas que adotem um regime democrático. A análise dos diários e as entrevistas demonstraram que a forma de organização do cotidiano da Escola Normal Rural procurava implementar essas idéias. As alunas participavam das aulas teóricas tradicionais e realizavam vários trabalhos práticos e manuais. Além disso se organizavam em associações e realizavam várias tarefas em grupo o que lhes exigia atitudes de cooperação e autonomia. Esses resultados demonstram que Helena Antipoff buscou com sua obra implementar uma educação ativa, tendo as alunas e seus interesses como centro do processo. Essas características evidenciam a influência do trabalho com Claparède e a identificam como uma das defensoras dos ideais do movimento da Escola Nova.

**“Ensinar não é explicar, é fazer ver.” Firmino
Costa e as materialidades da Reforma (1906 – 1918)**

**Juliana Cesário Hamdam
Faculdade Pitágoras, Belo Horizonte, MG**

O presente trabalho compõe parte de um capítulo da tese intitulada “Do método intuitivo à escola ativa. O pensamento educacional de Firmino Costa (1907 – 1937)” e apresenta um estudo acerca das materialidades requeridas para a concretização da prática educativa, no Grupo Escolar de Lavras, inicialmente orientada pela Reforma Educacional de João Pinheiro, em 1906, em Minas Gerais. Para tal estudo tomamos como fonte e objeto os textos escritos pelo educador, sobretudo os relatórios do educador enviados à Secretaria do Interior, entre 1907 e 1918 e os Boletins Vida Escolar, publicados por ele entre 1907 e 1908, nos quais apresenta suas concepções sobre a educação inspirada na ambiência intelectual do período, isto é, nas idéias de pensadores europeus e americanos que propunham a “nova educação” e também evidencia as formas por meio das quais pôde angariar as materialidades exigidas para as práticas educativas daí abstraídas. Estamos considerando que a referida reforma significou um impulso para que um conjunto de práticas e representações sociais e educacionais concretizadas por meio da implantação dos grupos escolares passasse a ser considerado como vital para a educação no Estado. Para a constituição dessa cultura, foi evidente a produção de todo um aparato em termos de espaços e objetos, haja vista a reforma dos prédios em Lavras para que a

imaterialidade da aprendizagem pudesse ser apreendida ou produzida. Nesse sentido, neste trabalho, analisaremos a perspectiva relativa às materialidades que suportaram a cultura escolar que foi proposta, como forma de compreender as maneiras de apropriação do ideário educacional disponível na ambiência intelectual do período, por Firmino e as idéias que ele pôs em circulação. Nas obras produzidas pelo educador, enquanto estava na direção do grupo de Lavras, o processo de implementação de uma outra cultura escolar pôde ser entrevisto pelas construções dos espaços e os sentidos dos usos dos mobiliários e objetos conquistados e apropriados, notadamente a biblioteca e o museu escolar, bem como os respectivos elementos aí presentes. A análise da constituição da materialidade do Grupo Escolar de Lavras nos proporcionou uma compreensão acerca de mais uma faceta da ação educativa de Firmino Costa e, através dela, de que forma as concepções educacionais foram se consolidando, enquanto o grupo escolar foi se tornando um espaço cada vez mais preparado para a realização do projeto educativo, não obstante a grande precariedade de recursos disponíveis para a realização do projeto educacional na Primeira República. Seja como for, analisando a trajetória do educador, pudemos compreender que, através dos “(...) grupos escolares, a dimensão pedagógica do espaço toma corpo e visibilidade, ou, se quisermos, uma materialidade, de uma forma nunca antes vista na instrução pública primária mineira” (Faria Filho, 2000, p. 62).

Juventude e Folia de Reis na Cidade

Vanilda Ferreira Carneiro Pereira

**Mestre em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais**

O artigo (Juventude e Folia de Reis na Cidade) tem como objetivo maior buscar interlocutores para discutir três conclusões a que se chegou após a realização de um processo de pesquisa que gerou a dissertação de Mestrado em Educação “Escola: uma instituição dois espaços e o diálogo com a juventude na produção da cultura popular”. No intento de aprender a pesquisar a realidade sociocultural para entender o comportamento da juventude no ambiente da escola pública estadual e oferecer alternativas para o debate entre a cultura popular produzida, identificada e reconhecida pelos alunos das camadas populares, em sala de aula, e o processo de educação formal inquietou-se com os fatos. A pesquisa qualitativa realizada para esse fim exigiu uma vasta e diversificada referência bibliográfica, mas o suporte maior foi encontrado em Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Juarez Dayrell, Denys Cucho, Meihy, Minayo, Miriam Goldemberg, Leôncio Soares, Gomes e Pereira, e Sérgio Haddad . Com efeito o método e a metodologia ficaram por conta da cultura popular e da história oral temática. Examinei documentos, realizei entrevistas com jovens, com profissionais da educação da rede estadual mineira, com diretores e mestres de Folia de Reis na cidade de Muriaé-MG podendo hoje refletir o que os estudos mostraram. Primeiramente, há uma dicotomia entre

educação e cultura, sobretudo no modo de entender o processo de educação e a manifestação da cultura popular religiosa no ambiente escolar; os jovens pesquisados não se identificam com a instituição escolar; mesmo passando pelo processo de rejuvenescimento os grupos de Folia de Reis, atualmente, formados com crianças, adolescentes jovens e adultos, em sua maioria, evadidos das séries iniciais da educação básica, além de crianças, adolescentes e jovens em processo de escolarização não parece ser um problema para os educadores envolvidos no processo de construção do conhecimento na escola pública local. Por quê? Precisamos analisar alguns fatos e avançar no reconhecimento da realidade sociocultural dos jovens negros.

**Filosofia e educação:
a necessidade de uma educação estética para a
constituição de uma subjetividade ampla - para uma
crítica da filosofia da educação**

**Ângelo Filomeno Palhares Leite
Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira
Fundação Helena Antipoff²**

O problema que tomamos para analisar neste trabalho, tendo em vista o tema do evento: *Patrimônio cultural, museus, ciência e educação: diálogos*, possui uma natureza diádica. Em primeiro lugar visa constituir elementos que possibilite uma crítica da filosofia da educação contemporânea, não sendo ainda, portanto, uma crítica. Percebe-se pela leitura da literatura concernente à filosofia da educação contemporânea o quanto esta tem se descuidado não só do sentido amplo de educação, sentido aqui tomado na perspectiva de Adorno (1995), bem como por ter a mesma se encerrado, ao menos em alguns casos importantes, em formulas taxionômicas e prescritivas, numa versão teleológica bastante imóvel. Em segundo lugar, e aqui se encontra a parte mais central de nossa análise nesse escrito, se a idéia de educação estética é preliminar à constituição de uma subjetividade ampla, seja ela moral, política ou teórica conforme a tradição inaugurada por Schiller (2002) no interior da filosofia transcendental clássica, seja como a queremos hoje – *consciente do patrimônio cultural*, tema de nosso encontro, nos parece que a teoria da *semiformação* de Adorno (1996), elaborada no âmago da

² Mestre em Educação pela PUC Minas e professor adjunto do ISEAT/FHA. – Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff.

teoria crítica contemporânea, cujo interesse pela reflexão estética acerca da indústria cultural é notório, pode ser tomada como um valioso instrumento na compreensão crítica do processo de manipulação da subjetividade promovido pela pedagogia estética da indústria cultural e a percepção do quão é desimportante para esta a formação de uma *consciência do patrimônio cultural*, o que também nos permite constituir elementos que possibilitem uma crítica da filosofia da educação contemporânea na direção descrita. Essa articulação entre educação estética e formação ampliada da subjetividade, apesar de não se encontrar plenamente acabada na obra de Adorno, contém, entretanto, elementos sugestivos na direção apontada. É o que exploraremos na escrita desse texto, assim como, como foi dito, angariar fundos para uma futura crítica da filosofia da educação contemporânea, dentro daquela significação acima exposta.

Palavras-chave: Educação estética; Filosofia da educação; Formação da subjetividade.

ASSUNTOS DO CDPHA

Ata da Assembléia Geral do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) – 30 de março de 2007

Realizada na Fundação Helena Antipoff, em Ibitaré, MG, no dia 30 de março de 2007. Presentes: Aída Linhares Barboza, Therezinha Andrade, Maria Therezinha Nunes, Maria das Graças Teixeira, Olinda Terezinha da Silva Caetano, Irene de Melo Pinheiro, Keine Aparecida Pereira, Raquel Brandão Toussaint, Regina Helena de Freitas Campos. Dando início aos trabalhos, a presidente do CDPHA, Regina Helena de Freitas Campos, apresentou o relatório e a prestação de contas referentes ao período 2005-2007. O relatório apresentou as seguintes realizações: 1) Organização do XXIII Encontro Anual Helena Antipoff, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 31.3 a 1.4.2005, em associação com os Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil, Laboratório de Psicologia da Educação da FAE/UFMG, Fundação Helena Antipoff, Associação Pestalozzi de Minas Gerais, Adav – Associação Milton Campos para o Desenvolvimento de Vocações e Acorda – Associação Comunitária do Rosário. O tema escolhido para o evento foi “Educação inclusiva e desenvolvimento de talentos: a experiência antipoffiana”, e foi realizada homenagem ao psicólogo Daniel Antipoff, presidente de honra do CDPHA, falecido em janeiro de 2005. 2) Organização do XXIV Encontro Anual Helena Antipoff, realizado na UFSJ (Universidade Federal de São João Del Rei, MG), nos dias 29, 30 e 31 de março de 2006, em associação com a Fundação Helena Antipoff, Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, Adav

– Associação Milton Campos para o Desenvolvimento de Vocações, Faculdade de Educação da UFMG e NIEHPSI (Núcleo Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia), contando com o apoio da Capes. O tema do evento foi “A psicologia nas instituições de educação e saúde mental no Brasil – história e atualidade”. O evento abrigou também o V Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia, reunindo estudiosos de várias instituições nacionais (UFSJ, PUC-SP, Uerj, Unipac, Universidade São Marcos-SP, Faculdade Ruy Barbosa – Salvador, Bahia, UFRGS, UFRJ, entre outras).

3) Publicações: foram editados e publicados pelo CDPHA o Boletim do CDPHA 18, 2005 e o Boletim do CDPHA 19, 2006, distribuídos aos participantes dos eventos.

4) Pesquisas realizadas: no período 2005-2007, o grupo vinculado à seção UFMG do CDPHA deu continuidade ao projeto de pesquisa “Édouard Claparède e a psicologia da educação no Brasil”, coordenado por Regina H. F. Campos, com a colaboração de Denise Nepomuceno, Sérgio Domingues e Lílian Erichsen Nassif. O grupo vinculado à Seção do CDPHA da Fundação Helena Antipoff, em Ibité, deu continuidade ao projeto “História oral da Fazenda do Rosário”, coordenado pela Prof^a Maria Therezinha Nunes, realizando entrevistas com participantes da experiência da Fazenda do Rosário entre 1950 e 1970, e finalizou o projeto “A Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário”, realizado pela Prof^a Therezinha Andrade como dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUC Minas;

5) Conservação do acervo do CDPHA: as atividades de conservação e restauração dos documentos que compõem o acervo do CDPHA na Seção UFMG e na Seção Ibité tiveram continuidade. Na UFMG, as atividades de conservação e restauração dos documentos

ficaram a cargo da equipe do Cecor-UFMG (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis), sob a coordenação da Prof^a Bethânea Reis Veloso e o apoio de bolsistas de iniciação científica do CNPq; na Seção Ibirité, o trabalho de conservação e restauração do acervo foi realizado no próprio local pela equipe responsável pelo Memorial Helena Antipoff. 6) Projeto de reforma e revitalização do Memorial Helena Antipoff, na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, MG: o projeto foi elaborado pelas equipes da Fundação Helena Antipoff e da UFMG, para ser enviado à Finep para financiamento. 7) Tombamento do patrimônio do CDPHA: a presidente da Fundação Helena Antipoff, Irene Melo Pinheiro, informou que a Seção do CDPHA sediada na Fundação Helena Antipoff está integrada ao processo de tombamento do Memorial Helena Antipoff, que se encontra em andamento nos níveis estadual e municipal, e esclareceu que a Fundação tem interesse em contribuir para a preservação e manutenção do acervo. A diretora do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, Therezinha Andrade, informou que várias monografias de graduação estão sendo realizadas pelos alunos do Iseat sobre temas relacionados à obra de Helena Antipoff (educação rural no Brasil, classes homogêneas, Escola Conselheiro Mata, formação de educadores para o meio rural, entre outras). 8) Tema para o XXVI Encontro Anual Helena Antipoff: após discussões, ficou decidido que o tema do próximo evento, o XXVI, será "Museologia e educação". Serão convidados especialistas em museologia e educação para discutir os aspectos técnicos da organização museológica e os aspectos educativos do museu. Foram sugeridos especialistas ligados ao Laboratório de Ensino de História e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação da Faculdade de Educação da UFMG e ao Museu Abílio

Barreto, em Belo Horizonte. Ficou decidido que o evento será realizado em parceria com a UFMG e a Fundação Helena Antipoff, sendo as sessões realizadas nos dois locais, em dias alternados. Na UFMG serão discutidos os aspectos técnicos da museologia, e na Fundação as funções educativas do museu. 9) Comemorações de agosto: a presidente da Fundação Helena Antipoff, Irene Melo Pinheiro, sugeriu que o CDPHA deveria promover evento em agosto, comemorando a chegada de Helena Antipoff ao Brasil. Ficou decidido que a equipe do Iseat faria propostas nesse sentido. 10) Eleição da nova diretoria do CDPHA. Decorridos dois anos da última eleição, foi realizada a eleição da diretoria para o período 2007-2009, que ficou assim constituída: Presidente de honra: Otilia Braga Antipoff; Presidente: Regina Helena de Freitas Campos; Vice-presidentes: Irene Melo Pinheiro (FHA); Lúcio Assumpção (Soc. Pestalozzi); Demetrios Navaes Neves (Acorda); Leda Maria da Costa (Adav); Conselho fiscal – Titulares: Jaqueline Rodrigues de Oliveira, Maria do Carmo Coutinho de Moraes, Maria Melo; Suplentes: Elizabeth Coutinho de Moraes, Elizabeth Monaiier; Conselho consultivo: Adilson Dumont, Maria Auxiliadora Galinari Nascimento, Mário Lúcio Moreira, Regina Célia Pereira Campos, Sérgio Domingues e Sérgio Farnese; Diretoria técnica: Maria Therezinha Nunes, Priscila Augusta Lima, Sérgio Cirino, Therezinha Andrade; Diretoria administrativa: Érika Lourenço e Rogério de Alvarenga; Coordenadores regionais: Olinda Terezinha da Silva Caetano (Seção Ibirité) e Raquel Martins de Assis (Seção UFMG); Diretoria financeira: Doralice Almeida Campos de Araújo, Ernani Henrique Fazzi e Maria das Graças Teixeira. Após a eleição da diretoria encerrou-se a reunião, da qual foi lavrada a presente

ata, que vai por mim assinada, Regina Helena de Freitas Campos, presidente, e pelos demais presentes. Ibirité, MG, 30 de março de 2007.

Boletim do CDPHA - Instruções para os autores

O *Boletim do CDPHA*, editado anualmente pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) desde 1981, é registrado sob o número ISSN 1806-1931 (*International Standard Serial Number*) como publicação periódica. Com tiragem de 500 exemplares, o *Boletim* é distribuído aos sócios do CDPHA e aos participantes dos Encontros Anuais Helena Antipoff e, em regime de permuta, a bibliotecas e instituições científicas através da Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1980 com os objetivos de preservar a memória e divulgar a obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974), cuja contribuição como profissional e como pesquisadora nas áreas da psicologia e da educação é amplamente reconhecida, no Brasil e no exterior. Nascida em Grodno, na Rússia, Helena Antipoff fez estudos superiores em Psicologia e Educação em Paris (1908-1912) e Genebra (1912-1914). Em 1929, veio para o Brasil a convite do governo mineiro, para dirigir o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (um dos primeiros laboratórios de psicologia instalados no país) e colaborar na implantação da reforma de ensino Francisco Campos, inspirada nos ideais da Escola Nova. Radicou-se no Brasil a partir dessa época e desenvolveu extenso trabalho nas áreas da psicologia e educação, em especial na pesquisa em psicologia experimental, fundamentos da

educação, educação de excepcionais e educação rural. Fundadora da Sociedade Pestalozzi (para a educação de excepcionais) e da cadeira de Psicologia da Educação na Universidade Federal de Minas Gerais, seu trabalho é respeitado pelo pioneirismo na orientação socioconstrutivista em psicologia e pelo caráter humanista e politicamente informado de suas iniciativas. As informações completas sobre sua trajetória constam do *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais* (organizado por Maria de Lourdes Fávero e Jader Britto, Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP, 1999) e do *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil – Pioneiros* (organizado por Regina Helena F. Campos, Rio de Janeiro: Imago/Conselho Federal de Psicologia, 2001), num testemunho da expressão de sua obra como psicóloga e educadora.

O CDPHA cuida do acervo gerado por Helena Antipoff nas diversas instituições que ela criou no Brasil e a partir de seu trabalho como intelectual, educadora e pesquisadora. Esse acervo se encontra atualmente preservado na Fundação Helena Antipoff (Ibirité, MG) e na Universidade Federal de Minas Gerais (Sala Helena Antipoff, Biblioteca Central), disponível para estudiosos e pesquisadores interessados.

Desde sua criação, o CDPHA promove o Encontro Anual Helena Antipoff e publica o *Boletim do CDPHA*, contendo os resumos das contribuições apresentadas no evento. Cada encontro anual é dedicado a um tema relacionado à obra de Helena Antipoff, e os conferencistas são convidados a apresentar trabalhos de pesquisa ligados ao tema escolhido. O *Boletim do CDPHA* publica também notícias sobre o CDPHA e suas atividades. A publicação conta com comissão editorial

composta pelo(a) presidente do CDPHA e um grupo de colaboradores, e com um corpo de consultores vinculados a diversas instituições de ensino e pesquisa, nacionais e estrangeiras, nas áreas da psicologia e da educação.

A partir de 2007, o CDPHA passou a publicar também a *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, para divulgar os trabalhos completos apresentados nos eventos anuais. As contribuições destinadas a publicação devem ser enviadas à presidência do CDPHA por e-mail ou pelo correio, no endereço indicado abaixo, em conformidade com as instruções apresentadas a seguir. Os manuscritos devem ser inéditos, não submetidos a outro periódico, e respeitar as normas éticas vigentes. São apreciados por pelo menos dois membros do corpo editorial e/ou por especialistas *ad hoc* indicados pela comissão editorial. Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pela citada comissão.

Instruções

1) As coletâneas da *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff* publicam ensaios teórico-conceituais, relatos históricos, relatos de pesquisa, estudos de caso e relatos de experiência profissional ligados aos temas abordados por Helena Antipoff e escolhidos para cada Encontro Anual Helena Antipoff.

2) Os manuscritos a serem publicados devem ser encaminhados ao CDPHA por ocasião de cada Encontro Anual Helena Antipoff. Os encontros são realizados sempre na última semana do mês de março, em comemoração à data de aniversário da educadora (25 de março). Os

manuscritos devem ser inéditos e não encaminhados a outras publicações, mediante declaração por escrito do(s) autor(es).

2) Os manuscritos devem ter no máximo 20 páginas, digitadas em espaço 1,5 entre linhas, no editor de textos MS-WORD, em fonte Arial 12. Deverão acompanhá-los um resumo de até 14 linhas e as palavras-chave, em português e inglês, francês ou espanhol, em fonte Arial 9, com espaço 1,5 entre linhas. O título do trabalho deve constar em português e em inglês.

3) Após o título do texto, deve constar o nome do autor. No rodapé da primeira página, colocar a referência do autor (titulação, instituição, endereço para correspondência).

4) Os ensaios teórico-conceituais devem incluir introdução, antecedentes históricos e/ou conceituais, desenvolvimento do argumento e conclusões. Os relatos de pesquisa devem incluir introdução com objetivos e justificativa, revisão da literatura, método, resultados e discussão. No caso de pesquisa empírica, as normas éticas em vigor no Brasil devem ser obedecidas. Os estudos de caso e relatos de experiência profissional devem obedecer à mesma estrutura (introdução, perspectivas teóricas, método, resultados, discussão e conclusões) e normas éticas. As resenhas de livros ou de artigos devem tratar de publicações recentes nas áreas da história da psicologia ou da educação e destacar sua relevância para os estudiosos dessas áreas.

5) As referências devem ser apresentadas conforme as normas da ABNT, em ordem alfabética, considerando-se o último sobrenome dos autores.

Seguem exemplos de referências:

a) Livros e capítulos de livros:

BERNARDES, Lúcia H. G. *Subjetividade: um objeto de estudo para uma psicologia comprometida com o social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007 (Coleção Histórias da Psicologia no Brasil)

CURY, Carlos R. J. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, Maria de Lourdes A.; BRITTO, J. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC/INEP, 1999, p. 39-44.

b) Artigos em periódicos:

PEREZ-RAMOS, Aydil M. Q. Contribuições ao módulo História da Psicologia do Sistema de Ensino na BVS-Psi. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, Ano XXVI, n. 3, set./dez.2006, p. 22-23.

c) Teses e dissertações:

LOURENÇO, Érika. *A criminologia entre a biologia e a educação: o discurso sobre o psicológico na Revista da Faculdade de Direito da UFMG (1892-1962)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2007 (tese de doutorado).

Endereço para envio dos originais:

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central
Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte, MG
E-mail: rcampos@ufmg.br